O PROCESSO ANTIMODERNISTA DA REVISTA *D. QUIXOTE*: PRECONCEITO PARA DEBATER ARTE (1920-1926)

Jorge Israel Ortiz Vergara
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro–Brasil
jorgevergara1977@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0699-6518

Resumo

Sob o controle do escritor Manuel Bastos Tigre, a revista carioca *D. Quixote* (1917-1926) publicou conteúdo preconceituoso para questionar o movimento modernista paulista entre 1920 e 1926. Em forma de humor e com recursos textuais e visuais, *D. Quixote* veiculou capacitismo, misoginia, homofobia, racismo e a estigmatização de práticas musicais e populares. Para qualificar a intensidade da expressão preconceituosa em publicações do processo, o autor definiu a categoria agressividade expressiva. Em razão da sincronia e similitude de parte do conteúdo, foram comparados elementos do processo de *D. Quixote* com elementos das campanhas antimodernistas dos jornais paulistas *A Gazeta* (1921-1922) e *Folha da Noite* (1923). A pesquisa com palavras-chave na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil permitiu encontrar o material comentado. Consideram-se os argumentos de pesquisadores do humor e da história do Brasil. Este informe registra os nomes e obras questionados na recepção do modernismo paulista no Rio de Janeiro, e aporta saber sobre a construção social do preconceito. Especialistas da área do jornalismo, escritores e humoristas produziram conteúdo preconceituoso para debater arte.

Palavras-chave: Arte, Brasil, Humor, Jornalismo, Preconceito.

THE ANTI-MODERNIST PROCESS OF *D. QUIXOTE* MAGAZINE: PREJUDICE IN THE ART DEBATE (1920-1926)

Abstract

In Rio de Janeiro, under the control of Brazilian writer Manuel Bastos Tigre, the *D. Quixote* magazine (1917-1926) published prejudiced content aimed at critiquing the São Paulo modernist movement between 1920 and 1926. Employing humor along with textual and visual resources, *D. Quixote* conveyed ableism, misogyny, homophobia, racism, and the stigmatization of musical and popular practices. To qualify the intensity of prejudiced expression in publications of the process, the author defined the category of 'expressive aggressiveness'. Due to the synchrony and similarity of part of the content, elements of *D. Quixote*'s process were compared with elements of the anti-modernist campaigns of the São Paulo newspapers *A Gazeta* (1921-1922) and *Folha da Noite* (1923). Utilizing keyword searches in the Digital Newspaper Library of the Brazilian National Library relevant publications were found. Likewise, the arguments of researchers in humor and Brazilian history were considered. This report records the names and artworks questioned at the reception of São Paulo modernism in Rio de Janeiro, shedding light about the social construction of prejudice. Notably, journalists, writers, and humorists engaged in producing prejudiced content as means to engage in debate about art.

Keywords: Art, Brazil, Humor, Journalism, Prejudice.

DOI: https://doi.org/10.25145/j.histarte.2024.07.03
Revista de Historia del Arte, 7; junio 2024, pp. 47-85; ISSN: e-2660-9142

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

No Rio de Janeiro, a revista ilustrada *D. Quixote* (1917-1926) publicou conteúdo preconceituoso contra o movimento modernista paulista entre 1920 e 1926. O escritor e jornalista Manuel Bastos Tigre foi o proprietário, diretor e editor da revista. Não confundir com Don Quixote de Ângelo Agostini, revista que circulou na mesma cidade até 1903. Em forma de humor, *D. Quixote* publicou conteúdo antimodernista com referências a artistas desde janeiro de 1919. Entretanto, só desde agosto de 1920 *D. Quixote* questionou o grupo que organizou a Semana de Arte Moderna. Esse grupo começou a formar-se nesse momento. O número de publicações antimodernistas aumentou no ano da Semana, 1922. Da mesma forma que a prensa da época, *D. Quixote* utilizou preferencial e largamente os termos «futurismo» e «futurista» para referir-se aos modernistas. As vozes «modernismo» e «moderna» aparecem com frequência em *D. Quixote*, abundam na propaganda de produtos, mas poucas vezes foram utilizadas no processo. Ao criar conteúdo sobre o grupo modernista paulista, *D. Quixote* veiculou capacitismo, misoginia, homofobia, racismo, a estigmatização de práticas musicais vinculadas a pessoas negras e a estigmatização de práticas populares.

O autor deste informe propõe a categoria *agressividade expressiva* para qualificar as publicações pela intensidade da expressão preconceituosa. Publicações singulares foram consideradas agressivas quando foi possível atribuir-lhes pelo menos três dos seguintes seis modos: a articulação de dois ou mais preconceitos (coexistência), o teor injurioso particularmente ofensivo (especificidade), o registro de elementos físicos próprios das pessoas citadas (personalização), a maior visibilidade da publicação na estrutura da revista (projeção), a repetição de expressões preconceituosas na mesma publicação (redundância), e a quantidade de informação utilizada para compor a publicação (volume). Tanto para caricaturas, textos ou a complementação de ambos, atribuiu-se volume apenas quando a publicação abarcou a página inteira da revista. A especificidade exigiu atenção especial para ser interpretada. São os elementos originais e criativos que permitem reconhecer a especificidade, há especificidade se o criador elaborou as ideias. A análise considera o contexto do discurso, pois a existência do modo não implica a existência do preconceito. Quanto mais modos possam ser atribuídos a dado discurso preconceituoso, entende-se que o mesmo é mais agressivo.

A atribuição da agressividade expressiva permitiu selecionar algumas publicações do processo. Diversos autores investigaram as ações e efeitos da linguagem. Entre outros efeitos a considerar, o discurso de ódio e a linguagem racista geram efeitos físicos sobre as pessoas que sofrem a agressão verbal (Butler, 1997, p. 20). Neste artigo, a agressividade expressiva é categoria de análise do discurso preconceituoso, a definição não considera os efeitos e a recepção desse discurso. Ainda, capacitismo, homofobia, misoginia e racismo são definições específicas do preconceito, são categorias de análise. Na primeira metade do século vinte no Brasil, as palavras «capacitismo» e «homofobia» não existiam, e as outras três tinham sentidos algo distintos. Todas as categorias são construções historicamente situadas. O uso de aspas ajuda a distinguir os termos da época das categorias de análise.

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

Para investigar a revista *D. Quixote*, o autor utilizou o sistema de pesquisa da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Nesse acervo, a primeira edição de *D. Quixote* é de maio de 1917 e a última corresponde a março de 1926. Em função da accessibilidade e do modo de pesquisa, edições de *D. Quixote* em outros acervos não foram consideradas. A partir dos termos «futurismo» e «futurista», pesquisou-se nas edições de *D. Quixote*. E após a leitura inicial do material encontrado escolheram-se novamente palavras-chave. Este modo de operar repetiu-se até que não foram encontradas outras publicações. Foram pesquisados nomes de artistas, obras e termos ofensivos. É provável que algumas caricaturas não tenham sido captadas, pois o sistema não identifica a letra cursiva das caricaturas. Expressões que levantaram dúvidas quanto ao seu significado na época foram pesquisadas em *D. Quixote* e em periódicos de Rio de Janeiro e São Paulo, além da consulta da literatura. Sentidos que não constam em dicionários e temas da prensa da época foram pesquisados na Hemeroteca Digital. Para informar sobre estes últimos e evitar a redundância, citou-se apenas uma publicação a modo de referência.

Não é possível analisar todas as publicações do processo antimodernista de *D. Quixote*. O autor selecionou e analisou a maioria das publicações agressivas e referiu as constâncias da argumentação. Para notar a qualidade e a trajetória temporal do conteúdo analisado criou-se o Quadro 1, este é o índice das publicações do processo. Na coluna «Expressão preconceituosa» constam citações literais de expressões, estas usam aspas. E entre colchetes constam categorias que correspondem à síntese de representações visuais e de expressões textuais extensas. Quando determinada publicação foi considerada agressiva, registrou-se a sigla «Ag» seguida das iniciais dos modos que lhe foram atribuídos. Na coluna «Referências artísticas» foram registrados os nomes dos artistas e obras artísticas referidos pejorativamente. Pessoas e obras citadas por outros motivos não foram arroladas. As edições de *D. Quixote* não possuem número de página, assim, o número registrado corresponde àquele que oferece a Hemeroteca ao mostrar a imagem digital. As publicações em *D. Quixote* possuem mais de cem anos, por isso, os termos e expressões não podem ser considerados preconceituosos e compreensíveis sem contexto, e esse contexto é oferecido pelo presente artigo. O detalhe dos termos do discurso preconceituoso avisa sobre a especificidade histórica desse discurso.

Investigadores de Mário de Andrade e do modernismo paulista desconhecem o processo antimodernista de *D. Quixote*. Artistas de ambos os gêneros foram objeto de crítica e preconceito, mas o escritor e modernista Mário de Andrade destaca-se pelo número e agressividade das publicações preconceituosas nas quais foi referido. Existe notícia de quatro situações em que escritores e jornalistas usaram o preconceito para debater arte e atacaram Mário de Andrade: na campanha antimodernista do jornal *A Gazeta* de São Paulo entre 1921 e 1922, durante a campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em 1923, por meio das publicações da *Revista de Antropofagia* em 1929, e no processo do jornal *Dom Casmurro* em 1939 (Vergara, 2018; 2024a). A produção preconceituosa da *Revista de Antropofagia* é do âmbito modernista, ocorreu sob a chefia de Oswald de Andrade, na época amigo e aliado artístico de Mário de Andrade. Sob a direção de Jorge Amado, *Dom Casmurro* publicou artigos preconceituosos contra Mário de Andrade quando este

último morava no Rio de Janeiro e era colaborador do jornal. Pela sincronia e afinidade do conteúdo preconceituoso, foram selecionadas as campanhas antimodernistas d'*A Gazeta* e da *Folha da Noite* para comparar alguns dos seus elementos com o processo antimodernista de *D. Quixote*.

Se utiliza a voz processo para distinguir a situação observada na revista *D. Quixote* daquelas em que jornalistas produziram campanhas. As campanhas foram mais estruturadas: existiu a declaração pública de motivos e ideias, os nomes criados para identificá-las, além de possuírem marcos de início ou fim. No processo não houve declaração de princípios, manifesto, ou qualquer texto que permita entender que seus autores declararam a promoção contínua de certas ideias e ações com determinados objetivos. Nos três casos comparados, a densidade temporal das publicações é fator de diferença, pois as campanhas produziram mais textos mensalmente. Diferentemente dos jornais, as revistas tinham edição semanal. Deste modo, entre março e setembro de 1923, o jornal *Folha da Noite* publicou 63 artigos na campanha antimodernista, em média nove artigos cada mês. E o jornal *A Gazeta* publicou dez vezes em junho de 1921, e 25 em fevereiro de 1922. Neste caso houve textos curtos e satíricos, e não apenas artigos. E com início em agosto de 1920, a revista *D. Quixote* divulgou 114 publicações em seis anos (Quadro 1), em média 19 por ano, uma por mês. Entretanto, as publicações do processo não tiveram essa constância, *D. Quixote* publicou mais conteúdo preconceituoso nos anos de 1922 e 1923, 30 e 36 publicações respectivamente. Após a análise aqui apresentada e a revisão da literatura, entende-se que a produção de conteúdo preconceituoso da revista *D. Quixote* adequa-se as práticas da época. Durante a primeira metade do século vinte no Brasil, especialistas da área do jornalismo, escritores e humoristas produziram conteúdo preconceituoso para debater arte e atacaram preferencialmente grupos politicamente minoritários.

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

CAPACITISMO

O preconceito na forma do discurso capacitista corresponde à descrição de corpos incapazes ou menos capacitados em relação a dado ideal de humanidade (Campbell, 2009, p. 5). No processo de *D. Quixote*, o capacitismo observou-se nas referências pejorativas às pessoas com corpos percebidos acima do peso, e principalmente no discurso estigmatizante contra pessoas com diagnósticos de doença mental. Outras formas de preconceito poderiam ser interpretados pelo paradigma capacitista, mas aqui são descritos pela nomenclatura corrente.

Sob o pseudônimo Mutt, Jeff & Cia, *D. Quixote* publicou a coluna «Don Paulo em São Quixote» no dia 8 de junho de 1921. A coluna possui várias seções, serão comentadas duas. Na seção «O poeta de Juquery» citam-se os nomes dos médicos, Franco da Rocha, Juliano Moreira e David Cavalheiro. Segundo o relato, David Cavalheiro informou ao diretor de Hospício sobre a piora do interno «N. 12» e lhe mostrou os versos do mesmo. Franco da Rocha diagnosticou «florealite-tortolica-hyper-quadrupedal» e pediu «camisa de força» ao vaticinar outra crise para o paciente (Mutt, Jeff & Cia, 1921, p. 20). O diagnóstico é escárnio, essa doença não

existe. Contudo, o nome dos médicos, os recintos hospitalares e outros termos médicos são referências para entes reais. Não há alusão a futuristas ou escritores, mas o relato antecede e reforça a seção na qual se insulta Mário de Andrade.

Na seção «Um poeta futurista», Mutt, Jeff & Cia transcreveu duas estrofes do poema «Tu» de *Paulicea desvairada* de Mário de Andrade. E afirma que Franco da Rocha teria lido esses versos e teria dito que possuiria coisa melhor, os versos do «paranoico» que veio do «Recolhimento das Perdizes» (1921, p. 20). O conteúdo é redundante em frases capacitistas. No processo de *D. Quixote*, humoristas citaram o nome do psiquiatra Juliano Moreira desde junho de 1921 até dezembro 1924 para fazer chistes capacitistas (Quadro 1). David Cavalheiro não figura em outras publicações, e Franco da Rocha aparece em caricatura a ser comentada depois. Até o fim de 1922, Mário de Andrade não havia publicado nenhum livro de poesia modernista. Seus poemas eram conhecidos porque Oswald de Andrade divulgou dois poemas de *Paulicea desvairada* a partir de maio de 1921, precisamente o mês em que aumentou o número de artigos na campanha antimodernista do jornal *A Gazeta* de São Paulo (Vergara, 2024a, p. 4).

Conhecido pelo seu o pseudônimo Belmonte, o caricaturista paulista Benedito Bastos Barreto era o responsável pela coluna «*D. Quixote* em S. Paulo» (Gorberg, 2018, p. 125). A coluna supracitada tem nome vinculado pelo trocadilho, «Don Paulo em São Quixote» e leva o pseudônimo Mutt, Jeff & Cia. Em outras datas leva outros pseudônimos. Mas, o escritor Benjamin Costallat publicou Mutt, Jeff & Cia: crônicas em 1922, livro com propaganda em *D. Quixote*. Bastos Tigre (1917) deixou registro dos autores que utilizaram pseudônimos na revista. Mas, não foi possível encontrar outro pseudônimo atribuível a Costallat no processo. E não há outros dados sobre a autoria da publicação do dia 8 de junho de 1921, mas Belmonte é o responsável por várias caricaturas comentadas a seguir.

No Quadro 1 constam os nomes dos psiquiatras, instituições médicas, termos médicos e frases injuriosas contra as pessoas com diagnóstico e pessoas consideradas acima do peso. Além das referências ao Hospital Manicômio de Juquery, o capacitismo se observou em frases que implicam a falta de razão, a falta de equilíbrio mental, e a falta de sentido. Em alguns casos, essas ideias foram associadas especificamente à pintura moderna. Como exemplo disto último, na caricatura «Nós temos talento», Belmonte representou três telas modernas (Figura 3). A primeira, uma natureza morta, um jarro e uma flor. Há reticências ao lado da flor e no plano sobre o qual está o jarro. Na segunda, se observa um personagem que talvez seja atleta, pois as curvas dos braços e das pernas ressaltam sua musculatura; a figura não tem rosto definido, e, no fundo, há semicírculos e linhas em composição não figurativa. A terceira tela possui elementos cubistas e palavras que lhe dão aspecto de cartaz propagandístico. Junto as três pinturas e paralisado, a representação do pintor sugere que este é incapaz de pensar e atuar (Belmonte, 1922, p. 17). Deste modo, Belmonte representou a falta de razão do «futurista» vinculada a obras plásticas abstratas. No Quadro 1 podem ser encontradas outras publicações com referências ao "cubismo" e à arte abstrata.

A coluna «Da terra dos bandeirantes» era assinada pelo pseudônimo «Borba Rato», «Barba Rato» ou «B.R.», referência irônica aos colonizadores paulistas com
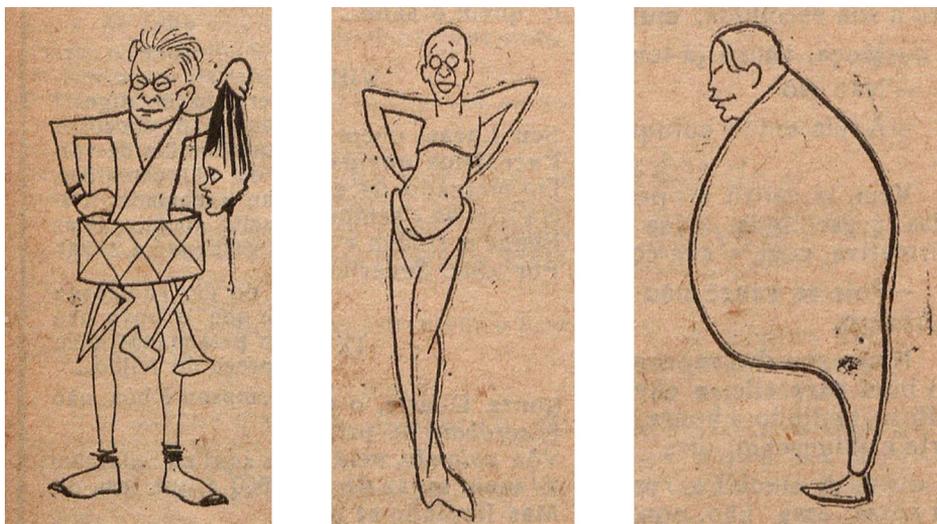
Figura 1. Belmonte. [Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Oswald de Andrade]. In B.R. Da terra dos bandeirantes. D. Quixote. Rio de Janeiro. 19 mar. 1924b, p. 16, recorte e montagem. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

o sobrenome Borba Gato. No dia 19 de março de 1924, Borba Rato publicou uma crônica que inclui três caricaturas que representam Menotti del Picchia, Mário e Oswald de Andrade (Figura 1). Graças à forma característica dos rostos, as caricaturas podem ser atribuídas à Belmonte. Para verificar isto, é possível comparar as caricaturas que Belmonte publicou junto à sátira de Moacyr Chagas na mesma *D. Quixote* de agosto de 1923 (Figura 7).

Borba Rato escreve que o cordão que mais impressionou foi o cordão dos «Filhos de Juquery» dirigido por Mário de Andrade, e informa que este estaria fantasiado de «Vênus de Milo acompanhado de incrustações de madrepérola». Segundo o texto, no referido cordão também estão Menotti del Picchia, Luiz Aranha, Oswald de Andrade e Rui Ribeiro Couto, todos colaboradores da Semana de Arte Moderna. Depois do desfile, o grupo teria ido de volta ao «quilômetro 111» (Borba Rato, 1924b, p. 16). A frase alude ao lugar onde ficava o Hospital Manicômio de Juquery. O nome da fantasia de Mário de Andrade é referência para a estátua chamada «Vênus de Milo». Descoberta em 1820, a obra data do período helênico grego (Marconi, 2015, p. 480). A estátua original perdeu seus braços, por isso Belmonte desenhou o escritor de braços curvados para atrás. Também reproduziu a inclinação da perna esquerda e o tecido sobre as pernas. Em jornais da época, a escultura permitiu indicar certo ideal de perfeição e beleza feminina (O Imparcial, 1915, p. 4).

O carnaval acabara de acontecer no momento da publicação de Borba Rato. Médicos especialistas em homossexualidade condenaram essas práticas. Pires de Almeida assegura que o carnaval promove a promiscuidade (Almeida, 1906, p. 49),

e Estácio de Lima afirma que, sob a perspectiva da proteção da masculinidade, os varões não devem se fantasiar de mulher no carnaval (Lima, 1935, p. 212). A afeminação era um termo chave para descrever homossexualidade. Por isso, a associação entre a afeminação e doença mental implica a homossexualidade como doença mental, definição médica da época (Almeida, 1906, p. 178; Lima, 1935, p. 218; Ribeiro, 1938, p. 148). A figura do primata implicada na representação do prognatismo no rosto de Mário de Andrade será comentada depois. No caso da caricatura de Mário de Andrade em trajes de «Vênus de Milo», o capacitismo articulou-se com a homofobia, o racismo e a estigmatização de práticas culturais populares. Esta é a única publicação do processo em que *D. Quixote* implicou a definição médica da homossexualidade. Igualmente e apenas contra Mário de Andrade, José Gallo Netto implicou essa definição na campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em agosto de 1923 (Vergara, 2018, p. 35-36).

Elemento conhecido das revistas ilustradas, a inter-relação entre o texto e a caricatura estrutura a criação do humor (Saliba, 2002, p. 88; Benedicto, 2018, p. 64). Borba Rato e Belmonte apresentaram Mário de Andrade com as vestimentas da deusa da antiguidade clássica. Na caricatura, Menotti del Picchia aparece em roupas de carnaval e carregando instrumentos musicais. Borba Rato explica que Menotti está fantasiado de «jazz-band» e leva a cabeça de Salomé. Belmonte ridicularizou o corpo de Oswald de Andrade ao desenhar seu corpo em forma oval. Borba Rato assevera que este último se fantasiou do presunto Santinoni Galassi. Segundo jornais da época, a prefeitura de São Paulo processou e fechou Santinoni Galassi por vender produtos com carne em descomposição (O Combate, 1923, p. 1). Neste caso, a complementação entre texto e caricatura reforça o capacitismo.

A publicação de Borba Rato e Belmonte de 1924 possui quatro modos de agressividade expressiva. Na coexistência articulam-se capacitismo, homofobia e racismo. A especificidade encontra-se na representação de Mário de Andrade em trajes femininos evocando certa entidade feminina, e na caricatura capacitista do corpo de Oswald de Andrade, além da elaboração textual. A personalização se deduz do registro dos rostros dos três escritores supracitados. Há redundância de termos capacitistas, além da duplicação de alguns sentidos pela relação entre texto e caricatura.

Sob o pseudônimo Terra de Senna, *D. Quixote* divulgou conteúdo antifuturista e capacitista. Desde antes do processo, Senna publicava duas colunas, uma de crítica literária e outra de crítica de artes plásticas, «Trepalivrographia» e «Belas artes» respectivamente. Em ambas, o conteúdo sempre excede o humor, pois Senna detalha obras, autores, exposições, publicações e atividades artísticas com regularidade. Para a pesquisadora Samanta Maia (2021), Lauro Nunes seria o autor que usou o pseudônimo Terra de Senna. Ele iniciou em *D. Quixote* como neófito e depois foi redator (p. 115). Em certo artigo e apesar do chiste contra o «futurismo», Senna reconheceu méritos da pintora Zina Aita (1920b, p. 17). *D. Quixote* também publicou críticas capacitistas contra os pintores Enrico Castelo e Vicente Rego Monteiro algumas semanas antes do início do processo (Severo, 1920, p. 18; Senna, 1920a, p. 26). Artistas plásticos, Aita, Castelo e Monteiro colaboraram com a Semana de Arte Moderna. No processo, *D. Quixote* deu maior atenção a certos escritores do que aos artistas plásticos e musicistas. Heitor Villa-Lobos, o único compositor bra-

sileiro cujas obras foram divulgadas na Semana, foi citado três vezes (Quadro 1). O governo estadual paulista apoiou a Semana de Arte Moderna, e o *Correio Paulistano*, o jornal oficial do Partido Republicano Paulista, acolheu os modernistas. Assim, houve muita propaganda (Sodré, 1999, p. 361; Saliba, 2002, p. 205). Elemento registrado pelo escritor Nuto Sant'Anna na campanha antimodernista d'*A Gazeta*, para alguns o discurso antifuturista é dirigido contra a propaganda e não contra a produção artística promovida pela propaganda (1921, p. 1). Pelo anterior, entende-se que *D. Quixote* questionou preferencialmente certos escritores, e isto segue a que parte significativa da propaganda modernista corresponde a produção jornalística de Menotti del Picchia, Mário e Oswald de Andrade.

Em textos da campanha da *Folha da Noite* e pela regularidade do capacitismo, destacam-se as expressões «estética de Juquery» e as críticas a falta de «equilíbrio mental» (Vergara, 2018, p. 25, 38). No caso da campanha d'*A Gazeta*, o escritor Plínio Salgado contribuiu com frases capacitistas que referem a falta de sentido, os nomes de doenças mentais e a referência à «Juquery das novas estéticas». Em textos de Salgado, o capacitismo também esteve associado a discursos com elementos racistas, nos quais as críticas ao modernismo implicam a defesa da «raça» (Vergara, 2024a, p. 5, 7). *D. Quixote* promoveu o capacitismo de forma recorrente e explícita para elaborar em forma de humor sobre o grupo modernista de São Paulo. Esse capacitismo é elemento em comum com as campanhas antimodernistas d'*A Gazeta* e da *Folha da Noite*.

D. Quixote publicou injúrias que associam a estigmatização das pessoas com diagnóstico ao futurismo desde 1919 (Borracho, 1919, p. 11). Considere-se que a associação entre arte e doença possui antecedentes na literatura científica do século dezenove. Cesare Lombroso interpretou o gênio artístico como manifestação da enfermidade. Para provar suas ideias, ele colecionou obras artísticas de pacientes psiquiátricos (Cabañas, 2018, p. 134). Em muitos debates o anterior esteve subentendido, pois se notava a «evidência visual» da «criatividade em comum» entre pessoas saudáveis e doentes[1]. Em relação às publicações de *D. Quixote*, observou-se que a associação entre futurismo e doença mental é anterior as campanhas paulistas, e dadas as teorias científicas citadas, se deduz que as ideias circularam entre aqueles que publicavam em periódicos.

Segundo Maria Clementina Pereira Cunha, internos e internas em recintos psiquiátricos enviaram cartas aos jornais e denunciaram as más práticas das instituições. As cartas não chegaram aos jornais, e os jornalistas publicaram denúncias e investigaram apenas desde 1928 (Cunha, 1988, p. 132; 1990, p. 65, 74). No Manicômio de Juquery, grande parte da população era negra, mas os científicos não tinham interesse nesse grupo. Pelas teorias organicistas, a degeneração seria condição das pessoas negras. Ainda, as mulheres negras eram percebidas por uma dupla

[1] Tradução do autor. No original: «visual evidence», «common creativity» (Cabañas, 2018, p. 4).

inferioridade (Cunha, 1988, p. 124). Pelo anterior, entende-se que o discurso capacitista de *D. Quixote* também implicou outros grupos minoritários.

Não se conhecem críticas ao capacitismo por parte dos modernistas paulistas e de Mário de Andrade durante o processo de *D. Quixote*. Em *O alienista*, o escritor Machado de Assis criticou as práticas do alienismo do século dezenove. Eram as mesmas práticas que Franco da Rocha promoveu em Juquery (Cunha, 1990, p. 17-18). Poder-se-ia argumentar que «Minha loucura» é figura crítica ao capacitismo. Mas, o autor entende que a personagem de Andrade em *Paulicea desvairada* não invoca a realidade das pessoas com diagnósticos no Brasil. E segundo a pesquisa de Kaira Cabañas (2018), a «obra criativa dos pacientes psiquiátricos» foi interna e estrutural ao «modernismo estético[2]», sendo exibida em ambientes modernistas brasileiros desde 1933 (p. 5, 9).

Deste modo, sem considerar ações de diversos agentes alguns anos depois, incluídos alguns modernistas da Semana, a crítica conhecida à produção de *D. Quixote*, d'*A Gazeta* e da *Folha da Noite* ocorreu a respeito do teor do modernismo e dos autores modernistas, não em relação ao capacitismo. Ao entender que as vítimas da estigmatização do discurso capacitista tinham poucos recursos contra a produção desse conteúdo, e essas pessoas tiveram escassas condições legais para questionar as práticas abusivas do sistema psiquiátrico, judicial e policial, pode-se concluir que a produção do capacitismo aqui mencionado pode ser nomeada de difamação autoritária. Os autores que produziram a difamação autoritária estiveram em situação histórica e social de não serem questionados pela sua contínua produção preconceituosa.

HOMOFOBIA

No processo antimodernista, *D. Quixote* publicou conteúdo homofóbico em várias formas e referiu indivíduos específicos. A revista implicou a ideia da doença mental como a definição médica da homossexualidade apenas uma vez, na publicação de março de 1924 já analisada. Em outras publicações do processo, o conceito mais utilizado foi a afeminação. E em alguns casos, as ideias homofóbicas foram acompanhadas de sentidos misóginos. A representação da cintura apertada e as expressões «almofadinha», «menino bonito» e «moço bonito», em muitos casos foram referências para a afeminação e a homossexualidade. Embora em alguns textos essas expressões pareçam intercambiáveis, jornalistas no Brasil usaram a figura do «moço bonito» para referir o travestismo, a prostituição homossexual masculina, o proxenetismo, o roubo e o assédio a mulheres (Vergara, 2021).

D. Quixote iniciou o processo antimodernista com críticas homofóbicas contra o poeta Guilherme de Almeida. A crônica «Almofadismo» do dia 18 de agosto de 1920 satiriza alguns escritores que depois organizaram a Semana de Arte Moderna.

[2] Tradução de: «creative work of psyquiatric patients», «aesthetic modernism» (Cabañas, 2018, p. 5, 9).

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85
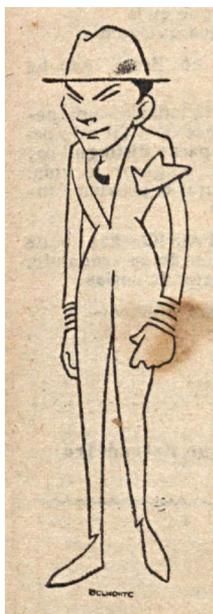
Figura 2. Belmonte. [Guilherme de Almeida]. D. Quixote. Futurismo, penumbrismo & C. Rio de Janeiro. 27 dez. 1922c, p. 15. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Figura 3. Belmonte. D. Quixote em S. Paulo. D. Quixote. Rio de Janeiro. 1 mar. 1922a, p. 17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Constam as expressões «meninos bonitos» e «almofadinhas», e o texto registra que a polícia não conseguiu prender esses «bichos», mas sem detalhar os motivos da ação policial (*D. Quixote*, 1920, p. 28). Houve uso redundante de expressões. A revista notou que Menotti del Picchia poderia transformar-se em «almofadinha», que o escritor Agenor Barbosa adora a arte «almofádica», e que entre as pessoas que frequentam a Faculdade de Direito de São Paulo há muitos «almofadinhas». Assevera que Guilherme de Almeida teve a ideia de escrever o *Manual do perfeito almofadinha*, onde abordará o assunto por inteiro, incluindo «*de como se meneia o corpo e se usa o arminho*» (*D. Quixote*, 1920, p. 28, itálico no original). Esse manual nunca existiu. Na última frase indica que a preocupação com as maneiras e a aparência é algo pejorativo e que Guilherme de Almeida escreve sobre roupa feminina. Já foi registrado que, no Brasil, para os especialistas em homossexualidade, a afeminação era elemento da homossexualidade. Ainda, Pires de Almeida e Leonídio Ribeiro afirmam a existência da ligação entre poesia e homossexualidade, e literatura e homossexualidade (Almeida, 1906, p. 115; Ribeiro, 1938, p. 177-178). Molesto com a associação entre poesia e afeminação por meio da voz «almofadinha», Guilherme de Almeida respondeu a esse tipo de críticas na *Folha da Noite* (1921, p. 1).

Agenor Barbosa, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia eram escritores que atuaram em jornais da época e depois colaboraram com a Semana de Arte Moderna. Porém, não se pode afirmar que na publicação de 18 de agosto de 1920 *D. Quixote* estivesse atacando-os por serem «futuristas», pois o termo não foi registrado. Entende-se que é o primeiro artigo do processo porque os nomes dos que participaram na divulgação da Semana de Arte Moderna começaram a ser citados juntos e

sua produção artística foi questionada com preconceito. Pelos modos coexistência, especificidade e redundância, a publicação foi considerada agressiva. Belmonte fez caricaturas de Guilherme de Almeida com temas homofóbicos desde 1920 (p. 14). E na publicação do dia 8 de dezembro, apareceu pela primeira vez a voz «futurista» no processo (Quadro 1). O termo «impressionista» também ocorreu nesse caso, pois o outro ainda estava instalando-se (Nemo & Cia, 1920b, p. 27).

Belmonte desenhou o poeta Guilherme de Almeida em trajes com a cintura apertada na coluna «*Futurismo, penumbrismo & C.*» do dia 27 de dezembro de 1922 (Figura 2). A publicação foi considerada agressiva (coexistência, especificidade, personalização, redundância). No texto explica-se que a escola do «almofadismo» trouxe a São Paulo as cadeiras apertadas, os óculos largos e a poesia de Guilherme de Almeida. Segundo a entrevista apócrifa, Almeida teria escrito femininos para o *Jornal das Moças*, e teria dito que ao futurismo falta a elegância, ou seja, a «cintura apertada». De novo, implica-se que as práticas femininas seriam algo secundário. Este texto oferece explicação para o conjunto de caricaturas com varões em roupas apertadas, pois não sempre há elementos para deduzir a figura do «moço bonito» ou do «almofadinha». E, diferentemente do caso de Mário de Andrade, não foi encontrado argumento na literatura que justifique supor que Guilherme de Almeida tivesse práticas homoeróticas, ou que tivesse sido percebido como afeminado ou homossexual.

A representação da cintura apertada em «futuristas» é recorrente em caricaturas de Belmonte. No caso da campanha da *Folha da Noite*, Belmonte desenhou certo «futurista» com roupa elegante e a cintura ajustada (1923a, p. 1) para o primeiro artigo de Cassiano Ricardo, artigo com temas homofóbicos (1923, p. 1). No mês seguinte, Belmonte publicou na revista *A Cigarra* de São Paulo certo «futurista» com essa forma (1923d, p. 22). E desenhou Cândido Motta Filho com a cintura apertada para ilustrar a sátira de Moacyr Chagas em *D. Quixote* (Figura 7).

No processo antimodernista de *D. Quixote*, Mário de Andrade recebeu a maior quantidade de referências, e seu livro *Paulicea desvairada* e a revista *Klaxon* foram os textos mais citados (Quadro 1). O autor também recebeu as críticas e injúrias mais agressivas. No caso da homofobia, é o que se observa em «*D. Quixote* em S. Paulo», caricatura que Belmonte publicou duas semanas depois da Semana de Arte Moderna. Na segunda parte da charge consta a representação de três pinturas modernas já comentada. Agora interessa a parte superior da caricatura, a primeira parte: artistas da Semana de 1922 tocam instrumentos musicais junto a cartazes com ofensas a autores consagrados. Com isto, Belmonte denuncia o relato paulista contra os autores chamados passadistas, a propaganda modernista e a autopromoção dos modernistas paulistas.

Na parte superior da caricatura de Belmonte não há textos e legendas. Há seis personagens, e segundo Marissa Gorberg, a pintora Anita Malfatti é a mulher do grupo e Heitor Villa-Lobos corresponde ao indivíduo que toca flautim (2018, p. 129). José Graça Aranha sustém um instrumento de percussão (sino, maraca?); Malfatti leva uma tocha; Menotti del Picchia toca o tambor, semelhante ao instrumento Belmonte representou para o mesmo na publicação de 1924 já comentada (Figura 1); e Oswald de Andrade toca certo instrumento desconhecido que possui buzinas, o envase de algum produto, um prato de comer, e um triângulo. A repre-

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

sentação da percussão é sátira, os modernistas produziriam ruído e não música. E Mário de Andrade toca o que parece ser um clarinete (Figura 3). Ainda, Belmonte representou prognatismo no rosto de Andrade para implicar a figura do primata, questão comentada depois.

Belmonte permitiu-se certa liberdade, pois nenhum aerófono conhecido oferece a combinação de elementos na parte do instrumento que sai da moldura, na campana: o aumento do diâmetro do tubo e a pequena curva antes da abertura final. O aerófono poderia ser o clarinete, oboé ou saxofone, e Belmonte desenhou a posição usual das mãos, à esquerda na parte superior. Notar o detalhe é necessário, pois Belmonte consultava fontes bibliográficas em busca de rigor e contexto (Gorberg, 2018, p. 137).

Se o aerófono correspondesse ao saxofone soprano ou sopranino, deveria haver ter outro tipo de chaves e embocadura; os outros saxofones são distintos. Oboés possuem embocaduras mais finas que o tubo, e oboés, clarinetes e saxofones ostentam chaves além da parte superior do instrumento. Diferentes do desenho de Belmonte, os oboe d'amour e clarinet d'amour possuem campanas em forma de bulbo. Se fosse clarinete baixo, teria embocadura diferente; se fosse algum dos outros modelos do clarinete, não teriam a curva antes da campanha. Ao ignorar a curva, o clarinete é instrumento mais parecido com o desenho. Mário de Andrade formou-se em canto (1915) e depois em piano (1917) no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, e foi professor de Dição, História do Teatro e Estética no mesmo desde 1922 (Toni & Fresca, 2022, p. 146, 152). Andrade não tocava aerófonos. A representação do clarinete significa que Belmonte satirizou Andrade como «clarinetista», eufemismo da época para as pessoas que praticam sexo oral. Assim, Belmonte implicou a homossexualidade.[3]

A referência ao supracitado sentido de «clarinetista» foi encontrada em duas publicações em *D. Quixote*, na de Belmonte e em outra (*D. Quixote*, 1919, p. 16) que não é parte do processo antimodernista e não refere Andrade. Dicionários em português não registram a ligação da prática do sexo oral às palavras clarinetista, clarinete e clarineta, mas há notícia da figura fora do português[4]. A ligação existe em edições das revistas cariocas *O Rio Nú e Fon-Fon!* Por exemplo, *O Rio Nú* cita as expressões «clarinetistas professoras», «dar lições de clarinete» e «moderníssima clarinetista» e «solos de clarineta», todas de sentidos semelhantes. Há descrições misóginas das trabalhadoras sexuais, abundam nomes pejorativos e inventados, e acusações de desonestidade e falta de higiene. Na mesma crônica figuram as expressões «pegar no *trombone*[5]», «menino» e «menino bonito» (1911, p. 7, itálico no original). As duas últimas indicam proxenetas e homossexuais.

---

[3] Na seção sobre o clarinete, o autor elaborou o argumento publicado em ensaio (Vergara, 2024b).

[4] O caricaturista Adrien Barrère atacou o escritor Maurice Rostand com a figura do «chanteclarinet» em 1922 e 1933 (Tin, 2012, p. 105).

[5] Em *D. Quixote*, Renatus Severo (1920) usou a expressão «tocador de trombone» com referências capacitistas contra o pintor Enrico Castello antes do processo (p. 18).

A figura foi recuperada na prensa carioca tempo depois. No jornal *Dom Casmurro* e redundantemente, Oswald de Andrade publicou que Mário de Andrade é o «inefável clarinetista Moleque Girassol» e escreveu que este obteve diploma de «Humanidades e Clarineta» no Conservatório de São Paulo (1939, p. 6). O contexto é a alegação de que o pintor Cândido Portinari teve atitudes autoritárias ao recorrer a críticos que usam má argumentação, e isto último caberia a Mário de Andrade. Líder e colega modernista, Oswald autorizara a publicação de conteúdo homofóbico, misógino e racista contra Mário durante o processo da *Revista de Antropofagia* em 1929. E sob a direção do escritor Jorge Amado, *Dom Casmurro* publicou conteúdo homofóbico e racista contra Mário de Andrade entre agosto e setembro de 1939 (Vergara, 2018, p. 49, 63).

Sobre o uso da figura do clarinete em jornais, considere-se que o historiador Elias Saliba argumenta que no espaço do obsceno, o humor «ressentido» é dirigido contra algo ou alguém. Sendo a sociedade da época hierarquizada, esse humor seria uma «retaliação moral». Geralmente manifestava-se sob a forma de preconceitos raciais, polêmicas e ataques pessoais (2002, p. 113). Por isso, entende-se que certas formas de discurso preconceituoso em *D. Quixote* seriam reações a obra e ao reconhecimento obtido pelos autores e autoras objeto das injúrias.

Além de Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Motta Filho, *D. Quixote* criticou outros artistas com conteúdo homofóbico. O escritor mineiro Moacyr Chagas publicou a sátira com imagens racistas contra Mário de Andrade, e frases homofóbicas e capacitistas contra Oswald de Andrade. No caso da homofobia contra Oswald, Chagas reutilizou a figura da deusa Vênus (1923a, p. 13). Conclui-se que em forma de textos e caricaturas e principalmente com referências à afeminação, *D. Quixote* divulgou publicações humorísticas em que ridicularizou modernistas paulistas e reproduziu preconceitos. A homofobia articulou-se com o capacitismo, a misoginia e o racismo. Como na campanha d'*A Gazeta* e da *Folha da Noite*, *D. Quixote* publicou a injúria mais intensa contra Mário de Andrade.

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

MISOGINIA E RACISMO

Há várias formas de discurso racista no processo antimodernista da revista *D. Quixote*. Reconheceu-se na descrição das pessoas negras pela inferioridade e pelo ridículo, por referências pejorativas a África, pela figura do primata, e pela estigmatização de formas culturais e musicais associadas as pessoas negras e ao popular. Este último aspecto será analisado por separado. No processo, a misoginia foi observada em associação com a afeminação, e em publicações capacitistas, homofóbicas e racistas. Apenas em função da legibilidade, a misoginia foi analisada junto ao racismo.

No hemisfério norte, há notícia de debate sobre o lugar da mulher na sociedade pelo menos desde o século dezessete (Hunt, 2009, p. 172). E nas primeiras décadas do século vinte no Brasil, as mulheres não tinham direitos civis e necessitaram da autorização de parentes para circular sozinhas, estudar e trabalhar (Priore, [2005] 2006, p. 246). Ainda, as mulheres questionaram estereótipos e demandaram direitos em publicações desde o século dezenove. Entre outras, elas defenderam a

Figura 4. Acquarone. 13 de maio futurista. D. Quixote. Rio de Janeiro. 16 mai. 1923, p. 1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

ideia de que as mulheres são intelectualmente semelhantes aos varões e promoveram o voto feminino (Teles, [1993] 1999, p. 43-44). No caso das publicações capacitistas e homofóbicas em *D. Quixote*, a misoginia foi observada em ideias que estigmatizam a mulher. Exemplo disso são as publicações homofóbicas contra Guilherme de Almeida em que referências ao mundo feminino e a atividades femininas foram ridicularizadas. O conteúdo misógino integrou publicações consideradas agressivas. No processo há poucos nomes femininos, na produção de conteúdo e entre os artistas citados. Maria das Dores é a única autora com publicações no processo, e Anita Malfatti e Zina Aita foram as únicas artistas mulheres questionadas.

O caricaturista Acquarone (Francisco Acquarone) publicou em *D. Quixote* a charge «13 de maio futurista» no dia 16 de maio de 1923. A charge representa uma jovem mulher negra vestida com roupas e adereços elegantes enquanto man-

tém diálogo com sua empregada. Acquarone enquadrou a empregada em contraste com a jovem negra: o corpo da empregada não tem contornos, é mais baixa, leva uniforme de trabalho, sua face é branca, e seu rosto expressa inquietude ou surpresa frente à atitude confiante da patroa. O rosto da mulher negra possui a representação racista da *blackface*, forma de estigmatização reconhecida em vários países (Gorberg, 2022, p. 69): a cor da pele contrasta do entorno, e seus lábios ressaltam pelo grossor e a pintura vermelha.

Para enfatizar a incapacidade das ações da jovem e fabricar o chiste, Acquarone registrou a variação linguística da patroa. A jovem diz que vai à Câmara Municipal a pedir voto de pesar pela morte da Princesa Isabel. Sabe-se que na ausência do imperador, a Princesa proclamou o fim da escravatura no Brasil no dia 13 de maio de 1888. A Princesa Isabel morreu em 1921, por tanto, Acquarone satiriza a jovem negra que buscaria dar sinal de pesar pela morte da Princesa com pronunciação inadequada e dois anos de adiamento. O termo «futurista» no título da charge reforça o caráter absurdo das ações da jovem. Com a caricatura na capa da revista (projeção), Acquarone representou a patroa negra como incapaz e ridícula. Neste caso, a agressividade expressiva deriva dos modos coexistência, especificidade, projeção e volume.

A publicação de Acquarone não vai especialmente dirigida contra os modernistas paulistas, mas a expressão «futurista» foi central no processo de *D. Quixote* (Quadro 1). A historiadora Lília Schwarcz afirma que o grupo modernista na revista Klaxon era principalmente composto de varões brancos da classe acomodada, indivíduos que trataram a questão racial como algo secundário (2021, p. 301, 312-313). Já que os «futuristas» que *D. Quixote* questionou são varões brancos em sua maioria, também há misoginia e racismo na escolha de uma mulher negra para representar a ação masculina.

Com o pseudônimo Nemo & Cia, *D. Quixote* publicou a coluna «Don Paulo em São Quixote» no dia 8 de dezembro de 1920. Na seção intitulada «Mais tinta», Nemo & Cia critica a pintura de Anita Malfatti. Pela data, deduz-se referência à exposição de Malfatti de novembro a dezembro de 1920 no Clube Comercial da rua São Bento, em São Paulo (Sá, 2020, p. 33). Malfatti teria pintado um quadro chamado «Barrabás» que representaria certo «mulatão do Piques». E assevera-se que Oswald de Andrade teria a intenção de comprar as obras de Malfatti na exposição (Nemo & Cia, 1920b, p. 27). Não há registro de obra de Malfatti com o nome «Barrabás».

O relato é racista porque ridiculariza Malfatti por pintar certo homem negro proveniente do bairro de pessoas pobres e negras, lugar conhecido porque no passado ali se realizaram leilões de escravos (Saliba, 2002, p. 187). Elias Saliba afirma que o abolicionista e jornalista José do Patrocínio foi referência para os humoristas da geração seguinte, entre eles, Bastos Tigre (Saliba, 2002, p. 76). Por isso, a luta contra a escravidão era conhecida entre os jornalistas da época, mas isso não levou ao reconhecimento do racismo como estrutura social maligna. No texto de *D. Quixote*, além de referir pejorativamente a representação do corpo negro, registra a ofensa capacitista ao corpo de Malfatti pela comparação do «pé de anjo» do varão com o «braço direito» de Malfatti. A pintora nasceu com sua mão e braço direitos com atrofia (Sá, 2020, p. 28).

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

Também com o pseudônimo Nemo & Cia, *D. Quixote* publicou sátira contra José Freitas Valle para ridicularizar seus livros luxuosos e poesia em francês. Para referir África, Nemo & Cia registra os termos "Uganda" e "soba", além do chiste racista sobre a carbonização de crianças negras para fabricar tinta (1920a, p. 13). Neste caso, o pseudônimo Nemo & Cia assina "*D. Quixote* em S. Paulo", coluna de Belmonte (Gorberg, 2018, p. 125).

Borba Rato publicou a coluna «Da terra dos bandeirantes» no dia 23 de janeiro de 1924. Ele critica a opinião de Paulo Prado sobre a arte do escultor Victor Brecheret, o primeiro patrocinador e o segundo artista na Semana de Arte Moderna. Para afirmar que Prado atuou de forma ridícula ao defender a arte de Brecheret, Borba Rato usou a expressão «praticar essa África», essa «rapaziada». Ele explica o anterior pelo «ridículo» das ações de Prado (1924a, p. 24). O chiste seria que Paulo Prado e outros «futuristas» não seriam jovens o suficiente para praticar essa tolice, o elogio de Brecheret e da Semana. Ao investigar as publicações de *D. Quixote* e interpretar o contexto da própria publicação, entende-se que o sentido de citar África é referir pessoas negras de modo a ridicularizar.

Na campanha da *Folha da Noite*, o racismo esteve vinculado as injúrias ao corpo de Mário de Andrade e a menções pejorativas das práticas musicais populares e vinculadas a pessoas negras (Vergara, 2018, p. 15). No registro digital da *Folha da Noite* há publicações com seções ilegíveis, mas não foram encontradas referências à África. Na campanha d'*A Gazeta* usaram termos da música popular e vinculadas a negritude pejorativamente, e atacaram a Malfatti com frases racistas referentes ao continente africano. A expressão «iniciação abexim» permitiu ridicularizar a formação e a obra de Malfatti (Vergara, 2024a, p. 11).

Em cinco publicações do processo, humoristas de *D. Quixote* utilizaram a figura do primata exclusivamente contra Mário de Andrade[6]. Na coluna «Da terra dos bandeirantes» do dia 16 de maio de 1923, Borba Rato dirige-se a Mário de Andrade para criticar o artigo que o modernista escreveu para responder às críticas da campanha da *Folha da Noite*. Rejeitando o termo «modernistas» para referir-se a eles, Borba Rato usa a linguagem capacitista contra os «futuristas» e ironiza a erudição de Andrade ao citar autores orientais reais e outros inventados (1923a, p. 23). Borba Rato argumenta que Andrade não entende o «futurismo» e não deveria ser reformador. Escreve que Andrade tem «careca de burguês», «braços de gorila», e «perfil de "avó" de Darwin», e, por isso, não poderia representar a «insolência galante» de Wilde (1923, p. 23, aspas no original). A última referência dialoga com o artigo da campanha da *Folha da Noite*: Francisco Pati publicou artigo em abril de 1923, e escreve sobre o «crime de Oscar Wilde» para questionar e ridicularizar os modernistas e Mário de Andrade com conteúdo homofóbico (Vergara, 2018, p. 28-29).

---

[6] A pesquisa incluiu os termos «símio», «chimpanzé», «macaco», «macaca», «gorilla», «primata», «orangotango», «bonobo», «mono», «avó de Darwin»; e os sobrenomes «Piques», «Haeckel» e «Darwin». Pesquisou-se *D. Quixote* nas décadas de 1910 e 1920. Acesso à Hemeroteca Digital no dia 30 de julho de 2023.

No texto de Borba Rato, a expressão «braços de gorila» permitiu ridicularizar Andrade, mas, a possível referência a Erasmus Darwin merece comentário. Da mesma forma que seu neto, Erasmus Darwin era naturalista e escreveu sobre a evolução (Rice, 2007, p. 113). Entretanto, não foram encontrados elementos que sugiram que Borba Rato referisse Erasmus. O nome «Erasmus Darwin» e a expressão «avó de Darwin» não foram encontrados em outras publicações de *D. Quixote*. A segunda só foi usada uma vez entre 1910 e 1929 em jornais disponíveis na Hemeroteca Digital. A teoria da evolução propõe que o ser humano seja o resultado do processo natural, processo iniciado por formas primeiras e elementares, e a espécie humana surge em certo ramal evolutivo. Mas, a ideia de que o homem provém do macaco foi associada à evolução, pois os primatas seriam os antecedentes imediatos da espécie humana. Em *D. Quixote* e sem integrar o processo, esta última ideia consta na publicação em que Belmonte (1921) ridiculariza a teoria da evolução, a investigação de fósseis e reproduz ideias racistas, com texto e caricatura do próprio (p. 27). Pelo anterior, entende-se que no caso do texto de Borba Rato, as aspas no original implicam que a expressão «"avó" de Darwin» refere o primata como o antepassado do naturalista Charles Darwin. Sob esta interpretação, Borba Rato registrou a figura do primata redundantemente.

No primeiro poema satírico do conjunto intitulado «Perfis futuristas» do dia 15 de agosto de 1923, o escritor Moacyr Chagas usou a figura do primata contra Mário de Andrade. Chagas inicia com a frase «feroz orangotango de palheta», destaca a altura de Andrade pelo registro das «pernas bambas», e recupera o mote capacitista segundo o qual Andrade seria o líder do grupo de «malucos» com pretensões de «revolução» artística (1923a, p. 13). Belmonte fez caricatura para o texto de Chagas, e nela, Mário de Andrade aparece carregando o cesto com *Paulicea desvairada*. Neste caso, Belmonte não desenhou referências à figura do primata (a segunda imagem da Figura 5).

Foi registrado que Belmonte desenhou o rosto de Mário de Andrade com prognatismo em duas caricaturas. Foram selecionadas outras duas charges para comparar a representação do rosto. Recortes de quatro caricaturas de Belmonte compõem a Figura 5. Na primeira imagem à esquerda, Belmonte desenhou o rosto do escritor com a boca aberta. Apenas surge uma linha ascendente do lado esquerdo da boca e duas linhas caem do lugar onde o nariz encontra os olhos. Na segunda, as linhas em forma de parêntesis ao redor do nariz e da boca correspondem às bochechas em torno da boca. Na primeira e na segunda imagem nada sugere a projeção da parte dianteira do rosto. Essas formas são semelhantes a outras em que Belmonte representou o rosto humano.

Belmonte desenhou o prognatismo na terceira e na quarta imagem da Figura 5, e estas últimas só foram encontradas em desenhos do rosto de Mário de Andrade. A boca da terceira imagem pode ser interpretada de três formas: aberta, fechada, ou ao abrir e fechar sucessivamente. Ao interpretar a terceira imagem com a boca fechada, entende-se melhor o sentido da projeção. As linhas juntam-se perto do nariz na parte de cima e fecham debaixo, estas não indicam as bochechas. Neste aspecto, a terceira imagem é semelhante àquela que Belmonte publicou em artigo de Manuel do Carmo no início da campanha antimodernista da *Folha da Noite* (Bel-

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

Figura 5. Recorte e montagem, da esquerda para a direita: 1. Belmonte. Futurismo, penumbrismo & C. D. Quixote. 13 dec. 1922, p. 15. 2. Belmonte. Perfis futuristas. D. Quixote. Rio de Janeiro. 15 ago. 1923e, p. 13. 3. Belmonte. Da terra dos bandeirantes. D. Quixote. Rio de Janeiro. 19 mar. 1924, p. 16. 4. Belmonte. D. Quixote em S. Paulo. D. Quixote. Rio de Janeiro. 1 mar. 1922a, p. 17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

monte, 1923b, p. 1). Na quarta imagem da Figura 5, a distância entre as linhas curvas indica o maior tamanho dessa projeção. As linhas curvas da terceira e quarta imagem representam a base da projeção. Na Figura 3 observou-se que outro personagem toca o flautim, e nesse caso, Belmonte não desenhou o prognatismo. Descarta-se que Belmonte não pudesse desenhar bocas ao tocar aerófonos sem implicar a projeção. Com exceção da primeira, as imagens constam em publicações agressivas aqui comentadas. A pesquisa do racismo científico permite entender que o prognatismo implica a figura do primata.

Criador da craniometria, Paul Broca afirmava que o prognatismo corresponde a projeção para adiante do rosto, associando-o a pessoas negras. Rostos ortognatos, retos, estariam vinculados a pessoas brancas. No interesse de inventar categorias para verificar seu paradigma, Broca também fez medições do *foramem magnun*, a cavidade na base do cranio, mas os resultados não lhe serviram. Então, modificou os critérios para poder sustentar suas ideias. Medições cranianas também serviram para verificar a suposta inferioridade mental feminina (Gould, 2017, s.p.). Para Broca, o prognatismo indicaria a inferioridade das pessoas negras, pois negros estariam próximos de animais e primatas.

Para interpretar a figura do primata em *D. Quixote* nota-se que, justificações fundamentadas na «natureza» legitimaram jerarquias sociais, incluída a escravidão e a colonização. Desde o século dezenove, diversos autores promoveram ideias racistas no meio científico. Além de Broca e a craniometria, no determinismo biológico, as posições inferiores na jerarquia são intercambiáveis: crianças, mulheres, negros. Para Cesare Lombroso, as medições dos indesejáveis destacavam o que seria seu caráter de símio (Gould, 2017, s.p.).

Jerarquias implícitas existiram em situações discursivas completamente distintas. A Declaração de Independência de Estados Unidos (1776) e a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão durante a Revolução Francesa (1789) indicam que aqueles que pensaram na igualdade de direitos tinham jerarquias tácitas. Não

teriam tais direitos menores de idade, loucos, presos, estrangeiros, pessoas sem propriedade, escravos, negros livres, minorias religiosas e em alguns casos, mulheres (Hunt, 2009, p. 15-16). Autores que promoveram direitos universais excluíram grupos, pois pensavam que estes não tinham autonomia moral, por exemplo, escravos, mulheres e menores (Hunt, 2009, p. 27). A construção segundo a qual as minorias merecem respeito e direitos é fruto de longo processo histórico e social.

No Brasil, a ideia de que o homem provém do primata foi divulgada já no século dezenove por João Joaquim Pizarro, diretor da seção de zoologia do Museu Nacional. E no Rio de Janeiro, a *Revista Brasileira* publicou debates sobre a ascendência do macaco ao homem desde a década de 1890 (Domingues & Sá, 2003, p. 114, 118). No caso da figura do primata, Moacyr Chagas usou a voz «orangotango» para satirizar Andrade. Historicamente, as palavras para o orangotango indicaram indistintamente os diferentes grandes símios, os da África e os da Ásia. Apesar disso, orangotangos são originários apenas das ilhas de Bornéu e Sumatra, na Ásia (Wyhe & Kjaergaard, 2015, p. 54-55). No seu livro Descent of man, Charles Darwin detalha as semelhanças entre humanos e primatas, sendo o orangotango referência central (Glick, 2003, p. 186). Usado por Borba Rato, o termo «gorila» refere certo grupo de grandes primatas. Junto aos chimpanzés e bonobos, os gorilas consideram-se os grupos vivos mais cercanos aos orangotangos (Wyhe & Kjaergaard, 2015, p. 54). Borba Rato e Moacyr Chagas escolheram termos óbvios para criar seus chistes com a figura do primata evocando construções científicas da época. Considere-se que Belmonte estudou medicina e não terminou o curso. A maioria dos humoristas do Rio de Janeiro tiveram sua formação superior incompleta pela atuação precoce no jornalismo (Saliba, 2002, p. 76). No Segundo Reinado e na República (1889-1930), apenas pessoas de famílias com recursos econômicos tiveram acesso à educação secundária (Needell, 1993, p. 74). Por isso, interessa destacar o discurso científico como recurso na composição de chistes que promovem e questionam teorias em voga, e o humor preconceituoso que recorre à linguagem científica.

O prognatismo na caricatura possui registro teórico no Brasil. Colaborador de *D. Quixote*, o caricaturista Raul Pederneiras publicou *A máscara do riso* em 1917 para elaborar sobre o assunto e utilizou categorias da anatomia fisiológica. Segundo Pederneiras, graças ao «prognatismo» existem variedades de rostos a considerar. Afirma que a maior «saliência da face» teria correlação com o menor «volume craniano». Pederneiras também cita a teoria do ângulo facial de Petrus Camper. Os «melhores exemplares» do «cranio humano» associariam beleza e intelecto (Pederneiras, 1917, p. 8, 23). Contudo, Pederneiras não publicou com essas referências no processo antimodernista de *D. Quixote*. Segundo Mônica Velloso, nos estudos da expressão em caricatura, desde o século dezenove diversos autores buscaram referentes em distintos ramos da ciência, incluídas a fisiologia, frenologia e antropologia criminal de Lombroso. Buscou-se controlar a sociedade no momento da emergência das massas (2015, p. 148).

Investigadores e investigadoras conhecem o uso racista da figura do primata na prensa da época. No Rio de Janeiro, J. Carlos publicou em 1903 na revista *Tagarela* a charge que representa um marinheiro negro com traços de «macaco». Ele registrou a percepção de possíveis rebeliões entre marinheiros antes da Revolta da Chibata

(Almeida & Silva, 2013, p. 334-335). Em 1916, a revista ilustrada *O Malho* publicou caricatura com legenda que cita o termo «macaco» para referir pessoas negras, na capa (Benedicto, 2018, p. 162-3). E em 1912, na cidade de São Paulo, a revista *O Pirralho* publicou a charge em que Voltolino representou o escritor Leopoldo de Freitas com elementos da figura: rosto «simiesco», com «largas narinas» e «protuberância maxilar» (Almeida, 2020, p. 652).

A pesquisadora Maria Benedicto afirma que o racismo nas charges de *D. Quixote* se assentava no consenso dos humoristas segundo o qual era necessário inferiorizar negros para gerar o riso. A principal tática era a humilhação (2018, p. 220). O proprietário de *D. Quixote* e outros lutaram para impedir que a Companhia Negra de Revistas fizesse turnê pela Europa, pois eles entendiam que artistas negros não deveriam representar Brasil no exterior (Benedicto, 2018, p. 238, 241). Pelo anterior, conclui-se que a figura do primata serviu para ridicularizar e insultar, a figura implicava o consenso racista sobre as pessoas negras no Brasil, e o conhecimento do discurso científico da época. Este último era accessível aos jornalistas e ao público letrado que consumia revistas ilustradas.

A respeito da ligação entre a misoginia e o racismo, foi registrado que Acquarone representou uma jovem mulher para implicar a negritude como algo ridículo, e insultaram o corpo e a obra de Malfatti com discurso capacitista e racista. Existe certa publicação que é particularmente agressiva, implica a figura do primata contra a poesia de Mário de Andrade e articula capacitismo, misoginia e racismo. Em março de 1922, Belmonte publicou a caricatura de certa mulher negra vestida em roupas de banho, em posição incômoda (Figura 6). O uso das roupas de banho no qual o corpo feminino não está coberto não era comum nem aceitável na época. Belmonte satirizou essas práticas em outras caricaturas (Gorberg, 2018, p. 345-347).

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7, 2024, PP. 47-85

Na representação da mulher negra, só uma perna calça meia, leva bracelete no pé esquerdo, o seio esquerdo aparenta estar à altura do ombro, e as pernas se juntam em direção aos joelhos e se separam nos pés. Com isto último, Belmonte representou a falta de maneiras. Para representar a fealdade e a penúria, Belmonte desenhou sua dentadura incompleta. Também enfatizou o absurdo e o ridículo, ao desenhar a mulher com o cartaz onde se lê «Eu sou linda: vocês não têm estesia, olé». Os aviões representam a tecnologia e o aviador paulista Edu Chaves, registrado nas folhas que a mulher escreve. Nessas folhas o capacitismo é redundante, pois se cita o diretor de Juquery (Franco da Rocha), o endereço do manicômio («quilômetro 111») e o mote «estética Juquery». Segundo a legenda, a mulher negra seria a «literatura futurista». A mulher tem cabelos em todo o corpo, incluído o rosto, e isto se distingue ao ampliar a imagem. Nas pernas, há cabelo hirsuto, sugerindo sua masculinização. No rosto, a linha em forma de parêntesis poderia implicar a bochecha. Mas, essa linha junta-se ao nariz e Belmonte desenhou o queixo em ângulo agudo, sugerindo o prognatismo. O prognatismo e o cabelo no corpo implicam a figura do primata. Para atribuir a agressividade expressiva, entende-se que há coexistência, especificidade e redundância.

É necessário enfatizar que a categoria agressividade não considera a recepção das publicações analisadas. No espaço público brasileiro e desde o século dezenove, era prática social tratar pessoas da elite e da classe média como se fossem

Figura 6. Belmonte. *D. Quixote* em S. Paulo. D. Quixote. Rio de Janeiro. 8 mar. 1922b, p. 21. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

brancos. Referências à cor da pele eram consideradas insultos (Needell, 2020, p. 16). Nesse contexto, evitar dizer a cor da pele não era uma forma de debelar o preconceito, era a maneira de reproduzir e ocultar as ideias racistas. Fruto dessas práticas, com data de 1927, a carteira de identidade de Mário de Andrade registra que o escritor é «branco» (Monteiro & Kaz, 1998, p. 90). Em razão disso, que *D. Quixote*, Belmonte e Chagas tivessem publicado o conteúdo racista citado contra Mário de Andrade implica certa intensidade na injúria, intensidade que é difícil de deduzir da análise de textos e caricaturas. Ainda, a injúria racial implicava toda a população negra, inclusive Belmonte. Mesmo se não é possível mesurar a intensidade e os efeitos do preconceito adequadamente, essa intensidade e esses efeitos devem ser pensados dadas as práticas da sociedade da época.

No caso da caricatura de março de 1922, Belmonte reuniu ideias capacitistas, misóginas e racistas para ridicularizar a poesia de Mário de Andrade. E entre as 114 publicações referidas no Quadro 1, onze foram consideradas agressivas (9,6%). A agressividade provavelmente respondeu à estratégia do humorista para criar conteúdo de modo a chamar a atenção do leitor. Considere-se que o humor não se define pela sua capacidade crítica ou sua habilidade de transmitir sentidos, mas pela sua forma e técnica humorística (Maia, 2021, p. 234). Entretanto, o humor aqui considerado não existiu fora de conteúdos discursivamente inteligíveis. Por isso, se o objeto da sátira foi determinada obra ou autor, e se o humor pode sobrepujar o sen-

tido, o anterior não implica que o discurso preconceituoso pudesse ser ignorado pelo leitor. As ideias preconceituosas eram inteligíveis e em razão disso foram usadas como recurso humorístico.

ESTIGMATIZAÇÃO DE PRÁTICAS E MÚSICAS VINCULADAS À NEGRITUDE E AO POPULAR

No processo antimodernista de *D. Quixote*, houve uso pejorativo de termos referentes a práticas e músicas vinculadas a pessoas negras e ao popular. Na publicação do dia 19 março de 1924, já comentada, Borba Rato registrou formas específicas do carnaval brasileiro e suas práticas musicais: detalha as «fantasias», a reunião de pessoas no «cordão», inventa letras para referir as marchinhas do carnaval, e refere duas figuras do carnaval, Colombina e Pierrot. Borba Rato escreveu que Menotti estaria «fantasiado de jazz-band» e «cantando aos pinotes». Não oferece outros detalhes sobre o «jazz-band» (1924b, p. 16). Para acompanhar o texto de Borba Rato, Belmonte caricaturou Menotti del Picchia carregando instrumentos de percussão: tambor, triângulo, trompete ou buzina, e algo semelhante a um martelo. Além dos instrumentos citados, na caricatura Menotti aparece rodeado pelo tambor, como se o «futurista» o tivesse destruído para estar no seu interior (Figura 1). A referência à percussão corresponde a noção de que o ritmo é elemento central nessas práticas musicais, e que em razão disso, implica-se o menor valor dessa música.

Ainda, Borba Rato registrou que o grupo finalizou com um «Zé Pereira canalha», e nele o modernista Ribeiro Couto estaria «zabumbando». Os Zé Pereira eram liderados pela figura do português Zé Nogueira, o qual passou a ser chamando Zé Pereira. Grupos de pessoas saiam pelas ruas tocando instrumentos de percussão, os zabumbas e tambores. É figura própria do carnaval, recuperada por clubes, blocos e cordões (Diniz, 2010, p. 114-115). No processo de *D. Quixote* e na campanha da *Folha da Noite* os jornalistas registraram a expressão «Zé Pereira canalha» para acusar os modernistas. Isso é resposta ao discurso de Menotti del Picchia na conferência do segundo dia na Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. Menotti afirmou que, diferentemente da história bíblica, Salomé protegeria aqueles que propõem mudanças. Ele utilizou muitos termos que depois seus críticos usaram contra ele: «jazz-band», «Zé Pereira canalha», «Salomé» e «morra a Hélade». No mesmo discurso, Menotti referiu o «jazz-band» várias vezes para referir as transformações culturais e tecnológicas em São Paulo (Picchia, 1922, s.p.). Ele enfatizou a sátira ao parnasianismo e ao apego as formas do passado. Mas, no interesse de apresentar discurso disruptivo, Menotti referiu a ópera e o Zé Pereira pejorativamente.

Na sociedade brasileira, as bandas de jazz-band se tornaram populares precisamente ao início dos anos 1920. É prática musical oriunda de grupos de pessoas negras em Estados Unidos (Giller, 2018, p. 34, 38). O grupo modernista paulista não realizou concertos e não promoveu o jazz-band durante a Semana de Arte Moderna. O modernista português Antônio Ferro realizou conferências sobre o jazz-band no Brasil na época (Petrescu, 2022, p. 139), contudo, não se conhecem livros ou conferências entre os modernistas paulistas sobre o assunto. A conferência que Menotti

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85
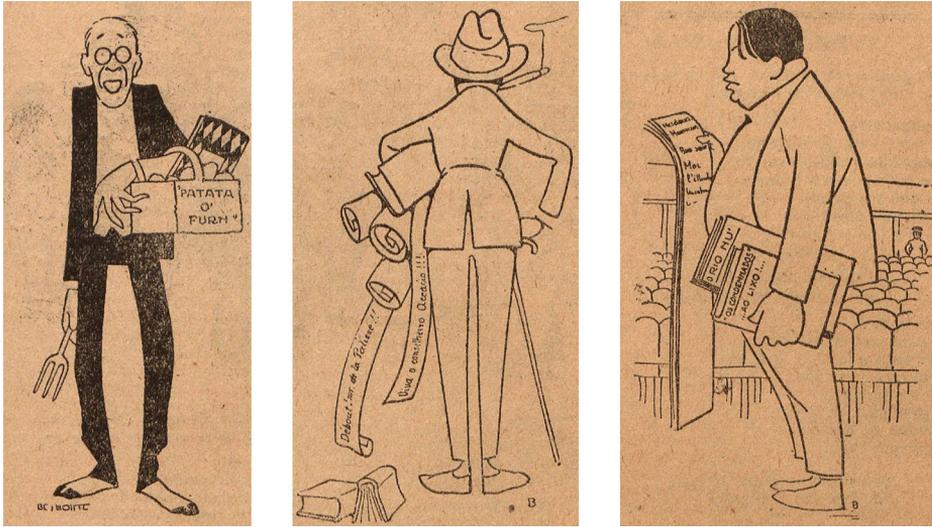
Figura 7. Belmonte. [Mário de Andrade, Motta Filho, Oswald de Andrade]. In Moacyr Chagas. Perfis futuristas. D. Quixote. Rio de Janeiro. 15 ago. 1923a, p. 13, recorte e montagem. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

durante a Semana é exceção. No processo de *D. Quixote*, autores que criticam Ferro não citam o jazz-band, mas em um caso escrevem para denunciar o «escurismo» e o «negrismo» (*D. Quixote*, 1922, p. 14).

Antes da publicação de *Paulicea desvairada*, os únicos poemas modernistas de Mário de Andrade divulgados em jornais foram «Nocturno», «Tu» e «Paisagem N. 3». Já assinalado, na campanha da *Folha da Noite* e no processo de *D. Quixote* registraram críticas ao poema «Nocturno». Sobre este, destaca-se que Andrade registrou as letras de duas músicas: certo mulato canta o fragmento da letra de certa modinha, o verso «quando eu morrer», e refere-se o pregão do vendedor ambulante, «batat'assat'ô furnn!» (Andrade, 1922, p. 92-95). No segundo caso, o poeta registrou a variação linguística. A valorização das formas populares da música tinha como fontes a etnografia e a busca da identidade nacional. Além de Andrade, Elias Saliba destaca a produção do escritor e humorista Juó Bananére, quem consistentemente usou mesclas de distintas formas de falar o português em São Paulo (Saliba, 2002, p. 170).

Belmonte satirizou o pregão na caricatura que acompanha o poema em que Chagas usou a figura do primata contra Mário de Andrade. Na caricatura, Andrade carrega o cesto com batatas e *Paulicea desvairada*, na sua mão direita leva certo garfo grande e sua boca está aberta. O cesto tem a inscrição «patata ó furn», referência ao verso (Figura 7). Na publicação de Belmonte e Chagas, a sátira ao pregão deu-se em contexto do discurso capacitista, homofóbico e racista. As referências da *Folha da Noite* e de *D. Quixote* contra o pregão implicam duas ideias: a

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

poesia de Mário de Andrade não teria qualidade, e as práticas populares não mereceriam elaboração artística.

Entre os modernistas há publicações com referentes racistas. As pesquisadoras Flávia Toni e Camila Fresca (2022) investigaram o discurso sobre «música brasileira» de Heitor Villa-Lobos e Mário de Andrade antes da Semana de Arte Moderna. Ambos usaram o termo «raça» e ambos compartilharam a ideia de há elementos a ser valorizados nas práticas musicais do «povo» e dos «indígenas». Entretanto, apenas o «compositor» conseguiria criar as obras significativas da «música brasileira» (Toni; Fresca, 2022, p. 148, 152). Para Andrade e Villa-Lobos, o «compositor» corresponde àquele que produz sob as formas da tradição europeia da música de concerto. Foi notado que hierarquias implícitas levaram a discriminar grupos sociais. Por isso, entende-se que os discursos sobre a criação de obras-primas em mãos de especialistas implicam ideias autoritárias.

D. Quixote registrou conteúdo preconceituoso com referências específicas a certas práticas da cultura e da música popular e da música vinculada às pessoas negras. Os termos musicais e os outros aqui citados não são expressões preconceituosas por si mesmas, é o sentido pejorativo e estigmatizante dado pelo uso que criaram a expressão preconceituosa. Termos musicais e práticas artísticas populares apareceram poucas vezes e constam em publicações agressivas. Há termos citados apenas uma vez: «carnaval», «cordão», «sambas carnavalescos», «zabumbando» e «Zé Pereira canalha». «Jazz-band» foi citado duas vezes (Quadro 1). E em publicações preconceituosas, Belmonte representou instrumentos musicais de percussão, o clarinete e o flautim (Figura 1, Figura 3). Os últimos também integram as formas da música de concerto.

Na campanha d'*A Gazeta* houve estigmatização de formas da música popular. Ao mesmo tempo, Plínio Salgado valorizou práticas artísticas populares. Isso lhe permitiu apontar a desvalorização dessa arte no programa modernista. Autores na campanha d'*A Gazeta* notaram pejorativamente os termos «batuques», «carnavalesco», «congadas», «folião da cor», «jazz-band», «pagodeira» e «zabumba». Essas publicações veicularam capacitismo e racismo (Vergara, 2024a, p. 11, 14). No caso da campanha da *Folha da Noite*, os jornalistas registraram pejorativamente menções ao «carnaval», «zabumba», «Zé Pereira» e ao pregão do vendedor de batatas de «Nocturno». O contexto das referências foi a crítica capacitista, homofóbica e racista (Vergara, 2018, p. 24-26, 43). Referências estigmatizantes ao carnaval foram encontradas no processo de *D. Quixote* e nas duas campanhas consideradas, e referências ao pregão do poema «Nocturno» foram observadas no processo de *D. Quixote* e na campanha da *Folha da Noite*. Nas campanhas e no processo de *D. Quixote*, jornalistas e humoristas utilizaram termos artísticos para criar conteúdo preconceituoso.

BASTOS TIGRE, *D. QUIXOTE* E O PROCESSO ANTIMODERNISTA

A colaboração entre os criadores do processo de *D. Quixote* e os agentes da campanha da *Folha da Noite* observa-se na atuação de Belmonte e Moacyr Chagas. Chagas publicou dois conjuntos de poemas satíricos (poema piada[7]) contra os escritores modernistas no processo. Em cada conjunto há três poemas e três caricaturas dedicados a três escritores distintos, e Belmonte fez quatro dos seis desenhos. Foram comentadas partes do primeiro conjunto, «Perfis futuristas» do dia 18 de agosto de 1923.

Belmonte trabalhou para a *Folha da Noite* durante a década de 1920. Para a campanha da *Folha da Noite*, Belmonte criou a charge em que certa mão sustenta o «futurismo», um jovem com características do «moço bonito». A caricatura reforça o sentido homofóbico do primeiro artigo de Cassiano Ricardo (Belmonte, 1923a, p. 1). E com duas semanas de diferença com a publicação da *Folha da Noite*, Belmonte representou os futuristas com elementos dos «moços bonitos» na charge «*D. Quixote em S. Paulo*» do dia 4 de abril de 1923, em *D. Quixote*. Nesta última, certo «futurista» foge do grupo liderado pelo policial ou guarda civil. O jovem carrega uma revista chamada Futurismo, e na fuga deixa cair Klaxon e *Paulicea desvairada*. O chapéu do policial leva a palavra «Folha», sugerindo que a *Folha da Noite* lidera o antimodernismo (Belmonte, 1923c, p. 17). Neste caso, entende-se que *D. Quixote* adotou a perspectiva da *Folha da Noite* ao representar os «futuristas» pela figura do «moço bonito».

Seria exaustivo detalhar aqui, mas *D. Quixote* informou e adotou o ponto de vista da campanha da *Folha da Noite* em várias publicações. E, depois do fim da campanha em setembro de 1923, a revista continuou a publicar conteúdo antimodernista. Colaboraram em *D. Quixote* os caricaturistas mais importantes da época, J. Carlos, K. Lixto e Raul Pederneiras. Mas, foi Belmonte quem criou a maior quantidade de charges do processo, e foi responsável de seis publicações consideradas agressivas (Quadro 1). A existência de publicações antimodernistas de Belmonte e Chagas, e a afinidade entre conteúdos permite postular a colaboração entre *D. Quixote* e a campanha antimodernista da *Folha da Noite* durante 1923. Apesar da semelhança de argumentos, não foram encontrados elementos que sugiram a colaboração entre o processo de *D. Quixote* e a campanha antimodernista d'*A Gazeta*.

Para Elias Saliba, desde o fim do século dezenove, os intelectuais e humoristas brasileiros estiveram empenhados em descobrir a identidade do Brasil (2002, p. 32, 35). Os humoristas entendiam e participavam dos paradigmas da época, mas o humor foi refratário aos circuitos de cultura culta e impressa. Eles tiveram dificuldades para publicar livros de humor (2002, p. 36). Manuel Bastos Tigre fundou uma empresa de publicidade que atendeu a importantes marcas da época, e utilizou o humor na produção de reclames. Como outros humoristas, ele também foi

---

[7] Segundo Elias Saliba, os humoristas da época sentiam-se presos as formas cultas e usaram as paródias dessas formas, o poema piada foi a forma preferida (2002, p. 97, 102).

ACCADERE. REVISTA DE HISTORIA DEL ARTE, 7; 2024, PP. 47-85

autor de obras do teatro de revista (Saliba, 2002, p. 81, 89; Velloso, 2015, p. 123). E segundo Samanta Maia (2021), Bastos Tigre defendeu o reconhecimento artístico e social da poesia humorística e do humor, e concordava com a definição de arte dos parnasianos. As cinco candidaturas a Academia Brasileira de Letras e a publicação de dezesseis livros de poesia apontam à luta de Bastos Tigre por reconhecimento artístico (Maia, 2021,p. 25, 39). Ele conseguiu certo reconhecimento social, pois a revista *D. Quixote* gozou de ampla aceitação, era extraordinariamente popular (Velloso, 2015, p. 185).

A pesquisadora Mônica Velloso afirma que líderes do grupo modernista verde-amarelo publicaram no *Correio Paulistano* desde fins da década de 1910. Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado teriam desqualificado a capital Rio de Janeiro na sua capacidade de liderar, e exprimem a ideia da falta de seriedade do povo carioca. Considere-se que Menotti levou Salgado ao modernismo em 1922, e Ricardo fundou a revista modernista Novíssima em dezembro de 1923, após colaborar na campanha antimodernista da *Folha da Noite*. E em Novíssima colaboraram os três autores citados, mas o grupo modernista verde-amarelo só começou a ser gestado em torno ao discurso de Salgado em 1926. Eles publicaram o manifesto verde--amarelo em 1929 (Pacheco & Gonçalves, 2022, p. 65). A respeito da suposta falta de seriedade dos cariocas, *D. Quixote* fez contraponto criticando a falta de humor dos paulistas (Velloso, 2015, p. 24-25). E Bastos Tigre preservou a memória e promoveu o humor, assim, em 1924 publicou um compêndio a respeito de humoristas vivos e mortos e tinha uma seção para incentivar humoristas iniciantes, ambos em *D. Quixote* (Maia, 2021, p. 118, 127). Entre as críticas dos modernistas ao parnasianismo, destaca-se que Mário de Andrade publicou a série «Mestres do passado» no Jornal do Comércio, e ali escreveu sobre enterrar o passado parnasiano. Há referências negativas a série no processo de *D. Quixote* e nas campanhas antimodernistas d'*A Gazeta* e da *Folha da Noite* (Vergara, 2018, p. 17; 2024a, p. 9). Reconhecimento artístico, a defesa do humor e do parnasianismo: os argumentos de Velloso e Maia indicam alguns dos motivos da oposição de Bastos Tigre ao relato e ação do grupo modernista paulista.

A respeito das práticas jornalísticas, o historiador Nelson Sodré (1999) afirma que a «imprensa política» era «violentíssima» na década de 1910. Isto se deu no contexto de censura e repressão ao jornalismo por parte do governo. Segundo Sodré, os jornalistas exprimiram sua orientação «pequeno burguesa», ou seja, eles acreditavam que o regime de governo era adequado ao país, e que apenas os indivíduos no poder eram «maus». Eles acreditaram que era suficiente criticar pessoas específicas para conseguir objetivos «moralizantes» (Sodré, 1999, p. 331). Sodré não oferece detalhes sobre o caráter violento das publicações, assim, não é possível comparar conceitos e expressões.

Os nomes dos mecenas da Semana eram conhecidos, e a atuação de Menotti del Picchia no *Correio Paulistano* implicava o conhecimento público de seu vínculo com o Partido Republicano Paulista. A respeito de críticas com referência a política partidária, considere-se que Nemo & Cia criticou José Freitas Valle com frases racistas (1920a, p. 13). Ligado ao Partido Republicano Paulista e deputado do mesmo, Freitas Valle criou o pensionato artístico que sustentou os estudos dos modernistas

Brecheret e Malfatti na Europa (Sá, 2020, p. 35). *D. Quixote* publicou que Rodolfo Miranda divulgou manifesto político com versos de Menotti (1922, p. 12). Miranda foi deputado e ministro, ele chegou a ser proprietário do *Correio Paulistano*. E em 1923, *D. Quixote* registrou que Menotti recebeu o apoio de Washington Luís e Carlos de Campos para fazer seus plágios (Borba Rato, 1923b, p. 18). Estes dois últimos, ambos foram políticos brasileiros e foram presidentes do Estado de São Paulo. Terra de Senna publicou a expressão «sovietismo literatura» em 1926. A exceção refere a revolução russa em 1917. Nestes casos não se observou maior informação. Com exceção do conteúdo supracitado, é significativo que não tenham sido encontradas críticas a agentes e à ação político partidária em publicações do processo antimodernista de *D. Quixote*.

Pode-se pensar que a crítica aos modernistas implica a denúncia da inépcia da elite brasileira. No processo de *D. Quixote*, isso pode ser deduzido da figura do «almofadinha». Neste caso, entende-se que a figura denunciou varões incapazes de entender a realidade do brasileiro comum. Os «almofadinhas» pertenciam à classe acomodada e preocuparam-se principalmente com a aparência. Jeffrey Needell assevera que a elite brasileira tinha vergonha do carnaval e da «cultura afro-brasileira», e seus filhos foram educados de modo a desprezar o «próprio meio cultural» e incorporar modelos europeus (1993, p. 71, 84). Neste informe verificou-se que *D. Quixote* reproduziu conteúdo racista e que estigmatizou formas musicais populares e associadas ao povo negro. Pela perspectiva da continuidade da linguagem racista entre *D. Quixote* e as práticas da elite, a crítica da mesma pelos humoristas é contraditória. Com exceção das publicações que implicam nomes da política partidária, as publicações que referem o «almofadinha» e a charge patroa negra em roupas elegantes, nota-se que a denúncia de oligarcas, partidos políticos, operadores políticos e práticas da elite não foi encontrada em publicações do processo antimodernista de *D. Quixote*. Conclui-se que as publicações do processo antimodernista de *D. Quixote* veicularam conteúdo humorístico, e projetaram ideias preconceituosas para debater arte.

Foi observado que Manuel Bastos Tigre promoveu e defendeu o humor ao longo de sua trajetória de editor jornalístico, escritor erudito e publicista. Bastos Tigre incorporou o humor em todas suas atividades profissionais, e a revista *D. Quixote* ganhou ampla aceitação. O resultado da pesquisa – detalhado nas expressões, conceitos e publicações listadas no Quadro 1 – indica que Bastos Tigre e os humoristas em *D. Quixote* tinham um conjunto de perspectivas reconhecíveis para produzir conteúdo. Essas perspectivas incorporaram discursos interpretados como preconceituosos porque estigmatizaram e ridicularizaram grupos sociais de forma acrítica. O sistema de pesquisa da Hemeroteca Digital permite recuperar as publicações citadas e verificar as ausências.

D. Quixote criticou duas mulheres no processo, a ampla maioria dos artistas criticados eram varões, mas aqui registrou-se que certos preconceitos foram estruturantes nas sátiras e críticas: não foi encontrado material que satirizasse a "heterossexualidade", o "machismo", a "virilidade" ou algum conceito semelhante. A sátira aos varões da elite por meio da figura do almofadinha indica que se estigmatizou a afeminação mais do que o abuso: esses varões não foram ridicularizados enfatizando

que varões da elite tomaram decisões inadequadas para o país, foram ridicularizados pelo uso inadequado da roupa, implicando a afeminação e a homossexualidade. Apesar de que os intelectuais brasileiros da época se identificavam com o "submundo" e as "camadas populares" (Velloso, 2015, p. 45), e apesar de existirem discursos provenientes de grupos estigmatizados, não houve questionamento sistemático de grupos privilegiados, por exemplo, a elite do país. Essa elite era composta maioritariamente de varões brancos da classe acomodada e com acesso ao letramento cuidadoso. Entende-se que a revista *D. Quixote* não satirizou todos os grupos da mesma forma: no processo antimodernista e com o recurso do preconceito, *D. Quixote* ridicularizou preferencialmente grupos politicamente minoritários.

CONCLUSÕES

No Quadro 1 registraram-se termos e expressões próprias do preconceito publicado no processo antimodernista de *D. Quixote*. O registro informa o detalhe de discursos historicamente situados e os nomes de obras e artistas questionados. Se as formas transformam-se ao longo do tempo, o estudo do preconceito informa sobre a especificidade histórica da construção do preconceito.

A revista ilustrada de Manuel Bastos Tigre publicou conteúdo preconceituoso para questionar o relato e a ação do movimento modernista paulista. A partir de agosto de 1920, *D. Quixote* iniciou o processo com publicações críticas a artistas do campo das artes plásticas e ao poeta Guilherme de Almeida. Com o passar do tempo, a revista focou nos escritores modernistas Guilherme de Almeida, Graça Aranha, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. *Paulicea desvairada* e Klaxon foram as obras mais citadas. Houve a colaboração de vários caricaturistas no processo, mas pelo número e agressividade destaca-se a produção do paulista Belmonte. As únicas mulheres mencionadas foram as pintoras Anita Malfatti e Zina Aita. Houve registro pejorativo de termos da música popular, práticas populares, e práticas musicais vinculadas a pessoas negras. Entre os escritores, Mário de Andrade foi o mais citado e o que recebeu a injúria mais agressiva. A categoria agressividade expressiva permitiu selecionar algumas publicações para a análise, e permitiu qualificar a intensidade da expressão do discurso preconceituoso. Durante seis anos, *D. Quixote* veiculou capacitismo, misoginia, homofobia, racismo, a estigmatização de práticas musicais vinculadas a pessoas negras e a estigmatização de práticas musicais populares. É possível destacar que os humoristas em *D. Quixote* satirizaram preferencialmente grupos minoritários. A produção de conteúdo de *D. Quixote* é consistente com as práticas dos jornalistas e escritores da época. Especialistas em letras, humor e jornalismo produziram conteúdo preconceituoso e difamatório para debater arte.

Enviado 18/1/2024; aceptado 15/3/2024

QUADRO 1. ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES DO PROCESSO ANTIMODERNISTA DA REVISTA D. QUIXOTE (1920-1926). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
1. D. Quixote em S. Paulo: almofadismo	18 8 1920: 28	«Almofadinha», «almofadismo», «meninos bonitos», «bichos», {Ag: Co, Es, Re}	M. Picchia, A. Barbosa, G. Almeida, Nós
2. Guilherme de Almeida. Belmonte	8 9 1920: 14	[Afeminação], [cintura apertada]	G. Almeida
3. D. Quixote em São Paulo. Nemo & Cia	10 11 1920: 13	«Nova esthetica», «sóba chimico», «negrinho de quatro annos», «Uganda»	J. Freitas Valle, Les tragipoemes
4. Bellas artes. Terra de Senna	24 11 1920: 17	«Futurista»	Z. Aita, E. Cavalcanti, E. Castello
5. Don Paulo em São Quixote. Nemo & Cia	8 12 1920: 27	«Retrato futurista», «retrato impressionista», «mulatão do Piques»	A. Malfatti, O. Andrade
6. Após o futurismo	13 4 1921: 10	«Futurismo», «cubismo», «dadaismo», «maximalucas», [falta de sentido]	
7. Don Paulo em São Quixote. Mutt, Jeff & Cia	8 6 1921: 20	«Franco da Rocha», «Juquery», «Juliano Moreira», «David Cavalheiro», «psiquiatra», «camisa de força», «poeta futurista», «Recolhimento das Perdizes», {Ag: Co, Es, Re}	O. Andrade, M. Andrade, Paulicea desvairada
8. D. Paulo em S. Quixote: a reação anti-futurista. Belmonte	15 6 1921: 23	«Futurismo»	
9. Deusa!!! João Futurista	14 12 1921: 19	«Futurista», «espherico ventre»	M. Andrade, O. Andrade, M. Picchia, G. Almeida
10. Joaquim Gil Pinheiro. Belmonte	22 2 1922: 14	«Futurismo»	J. Queiroz, J.G. Pinheiro, Primícias
11. Bellas Artes. Terra de Senna	1 3 1922: 3	«Futurista»	R. Carvalho, G. Aranha, Di Cavalcanti, A. Malfatti, Z. Aita
12. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte; Balada da flor de breu	1 3 1922: 17	«Futurista», [falta de sentido], [arte abstrata], [clarinetista], [instrumentos musicais], [música popular], [misoginia], [primata], {Ag: Co, Es, Pe, Vo}	A. Malfatti, H. Villa-Lobos, M. Andrade, M. Picchia, G. Aranha, O. Andrade
13. Eles, os futuristas. Santiago	8 3 1922: 19	«Futurista», [arte abstrata], [falta de sentido]	
14. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte	8 3 1922: 21	«Estética Juquery», «Francodarochamente», «kilometro 111», «Literatura futurista», [misoginia], [racismo], {Ag: Co, Es, Re}	Paulicea desvairada
15. Num atelier cubista. K. Lixto	15 3 1922: 12	«Cubista», [arte abstrata], [falta de sentido]	
16. Bellas Artes. Terra de Senna	15 3 1922: 22	«Futurismo»	A. Malfatti, Di Cavalcanti

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
17. Futurisações em terra roxa. Jefferson	22 3 1922: 19	«Futurisações», [falta de sentido]	
18. Penumbrismo	12 4 1922: 2	«Futurista»	G. Aranha, Di Cavalcanti, R. Carvalho
19. Elegampcias	7 6 1922: 20	«Caricaturas apanhadas na Praia Vermelha», «Juliano Moreira»	Di Cavalcanti
20. O nosso futuro atravez do cubismo. Storni	14 6 1922: 20	«Cubismo», [arte abstrata], [falta de sentido]	
21. Futurismo, penumbrismo & C. Belisário	11 10 1922: 14	«Futurismo», «escurismo», «negrismo», «Juliano Moreira», [racismo], {Ag: Co, Es, Pe}	R. Carvalho, G. Aranha, A. Ferro, M. Andrade, A. Magalhães, M. Picchia, O. Orico, O. Andrade, O. Barbosa, Theo Filho, B. Costallat, Di Cavalcanti, V. Mauricio, D'Annunzio, Epigramas irônicos e sentimentais
22. De S.Paulo. Angelo Tenuto	18 10 1922: 15	«Futurismo», «bolchevismo literario»	L. Vieira, L. Freitas, M. Picchia, A. Amaral, M. Lobato, P. Geraldino, P. Fort, O. Mariano, A. Ferro, R. Carvalho, Badalo inocente
23. Futurismo, penumbrismo & C	18 10 1922: 17	«Futurismo», «cousa de maluco», [imaturidade]	J. Barreto Filho, G. Aranha, R. Carvalho, R. Couto, O. Orico
24. E viva o futurismo! Belmonte	25 10 1922: 13	«Futurismo», [arte moderna], [cintura apertada], [sem sentido]	M. Andrade, G. D'Annunzio, Paulicea desvairada
25. Futurismo, penumbrismo & C. Belisário	25 10 1922: 15	«Futurismo», «escriptor fino de raça»	M. Araújo, A. Magalhães, Carrilhões, A cidade de ouro
26. Bellas artes. Terra de Senna	1 11 1922: 18	«Futurista»	M. Araújo, C. Frederico, J. Lima, Semana de arte futurista (RJ)
27. Futurismo, penumbrismo & C	1 11 1922: 19	«Futurismo», «mundo da lua»	
28. Futurismo, penumbrismo & C	8 11 1922: 12	«Futurismo», «cabotinismo»	
29. Futurismo, penumbrismo & C. Belisário	15 11 1922: 12	«Futurismo», «escola bestialogica»	M. Andrade, O. Barbosa, Paulicea desvairada
30. Futurismo, penumbrismo & C. Belisário	22 11 1922: 12	«Futurismo», «modernista», «selvagens»	P. Fort
31. Os epigramas de Mr. Ronald. Terra de Senna	22 11 1922: 20	«Futurismo», «bestialogico»	R. Carvalho. M. Andrade. Epigramas irônicos e sentimentais, Paulicea desvairada, Pequena História de Literatura Brasileira
32. Aranhol	22 11 1922: 23	«Futurista»	G. Aranha
33. Futurismos	22 11 1922: 23	«Futuristas», [falta de sentido]	R. Couto, Poemetos de ternura e melancolia
34. Futurismo, penumbrismo & C. Belmonte	29 11 1922: 12	«Futurismo», «abatatada»	M. Picchia. G. Aranha, M. Andrade, S. Hollanda, Rodolpho Miranda, A mulher que pecou, Lais, Klaxon, Paulicea desvairada

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
35. Trepalivrographia. Terra de Senna	29 11 1922: 21	«Futurista», «bestialogica», «bas-fond», «baixo calão»	O. Andrade, M. Andrade, A trilogia do exílio, Os condenados, Paulicea desvairada, Klaxon
36. Futurismo, penumbrismo & C. Belisário	6 12 1922: 14	«Futurismo», [misoginia]	
37. Futurismo, penumbrismo & C. Belmonte	13 12 1922: 15	«Futurismo»	M. Andrade, G. Almeida, S. Hollanda, L. Aranha, O. Orico, R. Carvalho, Onestaldo Pennafort, Paulicea desvairada, Klaxon
38. Do programa do concerto Villa-Lobos	20 12 1922: 14	«Futurista», «propaganda guerreira por muzica», [misoginia]	H. Villa-Lobos
39. Futurismo, penumbrismo & C. Belmonte	27 12 1922: 15	«Futurismo», «almofadismo», «cadeiras apertadas», «postais femininos», {Ag: Co, Es, Pe, Re}	G. Almeida
40. Chove	4 4 1923: 16	«Futurismo», «asneira»	G. Almeida, Paulicea desvairada
41. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte	4 4 1923: 17	«Futurismo», [afeminação]	Klaxon, Paulicea desvairada
42. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	4 4 1923: 22	«Futurismo»	M. Andrade, W. Zadig
43. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte	11 4 1923: 16	«Futurismo», «ideias malucas»	A. Ferro
44. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	11 4 1923: 22	«Futurismo», «mania», «juquirismo»	R. Thiollier, M. Andrade, Senhor Dom Torres, Paulicea desvairada
45. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	18 4 1923: 18	«Futurismo»	R. Thiollier, G. Almeida, M. Picchia, C. Motta Junior, M. Meira, L. Freitas, G. Pinheiro, Klaxon, Primícias
46. Os futuristas	18 4 1923: 19	«Futurismo», «equilíbrio mental»	
47. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	25 4 1923: 21	«Futurismo», «desvairo»	M. Andrade, G. Almeida, M. Picchia, A. Malfatti, Z. Aita, V. Brecheret, W. Zadig, Senhor Dom Torres, Canções Gregas
48. Uma nova escola literária	25 4 1923: 23	«Futurismo»	O. Orico, R. Carvalho
49. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte	25 4 1923: 24	«Futurismo», «escola futurista», [cortesã que seduz jovens]	
50. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	2 5 1923: 22	«Futurismo», «desvairismo», «versos sem nexo», «calão de peixeiro», «estilo do preto Leôncio», [racismo]	O. Andrade, G. Almeida, R. Thiollier, M. Picchia, V. Brecheret, M. Andrade, Marinetti, Paulicea desvairada
51. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	9 5 1923: 20	«Futuristas», «paciente grave», «orgias literárias», «bebedeiras artisticas», «desvairistas», «paranoicas»	M. Andrade, G. Aranha, A. Malfatti, V. Brecheret, Guaz, Di Cavalcanti, T. Amaral, Marinetti, Klaxon

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
52. Bellas artes. Terra de Senna	9 5 1923: 21	«Escola futurista», «retrato preto», «tinta preta»	A. Malfatti, Z. Aita
53. 13 de maio futurista. Acquarone	16 5 1923: 1	«Futurista», [aporofobia], [misoginia], [racismo], {Ag: Co, Es, Pr, Vo}	
54. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	16 5 1923: 23	«Psiquiatria», «futurismo», «degenerescência nervosa», «endemia», «pathologicos», «teratogenicos», «privação dos sentidos», «desvairado», «raciocinio de normalista», «braços de gorilla», «'avó' de Darwin», «Tu-Tzang do Abaixo Piques», {Ag: Co, Es, Re}	M. Andrade, O. Andrade, Marinetti, Papini, M. Picchia, G. Aranha, Juca Mulato, Klaxon, Paulicea Desvairada
55. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	23 5 1923: 14	«Futurismo», «desvairado», «daltonismo», «juquiristas»	M. Andrade, Klaxon
56. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	6 6 1923: 18	«Cabotino», «futurismo», «kilometro 111», «Juquiry», «fugiu do hospicio», «cretino»	M. Picchia, G. Almeida, J. Dantas, Mick Carnicelli, Primícias
57. D. Quixote em S. Paulo. Belmonte	13 6 1923: 15	[Futurismo]	M. Picchia, As mascaras, A angustia de D. João
58. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	13 6 1923: 15	[Futurismo]	M. Picchia, As mascaras
59. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	27 6 1923: 21	«Futurismo», «desvairismo»	R. Couto, M. Picchia, M. Andrade
60. Bellas artes. Terra de Senna	4 7 1923: 20	«Futurista», «moderna»	M. Andrade, Di Cavalcanti, Z. Aita, P. Geraldino, L. Aranha, M. Picchia, Marinetti, Klaxon
61. Não vás atrás de cartilhas, Jéca!	18 7 1923: 1	«Futurismo»	
62. Não se sofre em vão. Borba Rato	25 7 1923: 12	«Futurista»	
63. Da terra dos bandeirantes. Barba Rato	25 7 1923: 20	«Futurismo», «perigo para o bom senso»	Klaxon
64. Trepalivrographia. Terra de Senna	25 7 1923: 21	«Futuristas»	L. Aranha
65. Bellas Artes. Terra de Senna	1 8 1923: 22	«Futurismo»	Z. Aita
66. Trepalivrographia. Terra de Senna	8 8 1923: 20	«Futurismo»	G. Aranha, L. Aranha, M. Andrade. O. Andrade, O. Orico, O. Pennafort, J. Andrea, Chanaan, Klaxon, A ronda dos vícios
67. Perfis futuristas. Moacyr Chagas, Belmonte	15 8 1923: 13	«Futurista», «orango-tango de palheta», «malucos», «rechonchudo», «banha», «Venus macho fallido», [aporofobia], [afeminação], [cintura apertada], [música popular], {Ag: Co, Es, Pe}	M. Andrade, C. Motta Filho, O. Andrade, Paulicea desvairada, Os condenados

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
68. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	22 8 1923: 24	«Almofadinha», «futurista», «endemia desvairada»	J. Cesar, M. Andrade, Marinetti
69. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato; Belmonte	29 8 1923: 16	«Futurismo», «zé-pereira canalha»	Epandro Andrade, M. Andrade, M. Picchia, G. Almeida, C. Motta Filho, R. Couto, E. Andrade, R. Thiollier, O. Andrade
70. Perfis futuristas. Moacyr Chagas; Belmonte; Romano	5 9 1923: 12	«Futuristas», «cabotino», «asneira», [almofadinha]	M. Picchia, L. Vieira, O. Duque-Estrada
71. Da terra dos bandeirantes. Barba Rato	5 9 1923: 16	«Futurista»	M. Picchia, M. Andrade, R. Couto, O. Andrade
72. Entre eles	12 9 1923: 20	«Futurista», [sem sentido]	
73. A lei de imprensa. Belmonte	4 11 1923: 40	«Poesia futurista», [cintura apertada], [almofadinha]	
74. Trepalivrographia. Terra de Senna	28 11 1923: 23	«Futurista»	L. Aranha
75. Da terra dos bandeirantes. B.R.	12 12 1923: 17	«Futurismo paulista», «jazz-band», «fox-trott»	M. Picchia, E. Andrade, R. Thiollier, A. Ferro, G. Pinheiro
76. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	30 1 1924: 20	«Futurista», «moderno»	P. Prado, M. Picchia, M. Andrade, R. Carvalho
77. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	23 1 1924: 24	«Futurista», «moderna», «essa África», «paranoias revolucioneiras», «bochechudo», «pó de arroz», [mocidade], [capacitismo],[misoginia], {Ag: Co, Es, Re}	P. Prado, V. Brecheret, M. Andrade, O. Andrade, M. Picchia, G. Almeida, R. Thiollier, C. Motta
78. Da terra dos bandeirantes. Borba Rato	6 2 1924: 22	«Futurismo»	P. Prado, R. Carvalho
79. Carnaval e eleições. Job Venal	13 2 1924: 12	«Futurismo», «futurista», «cubismo», «cubista», «sambas carnavalescos»	
80. Trepalivrographia. Terra de Senna	12 3 1924: 17	«Futurista», «jazz-band»	M. Picchia, O. Andrade, R. Polillo, R. Carvalho, Os condenados, Dança do fogo, Juca Mulato, A mulher que pecou
81. Da terra dos bandeirantes. B.R.; Belmonte	19 3 1924: 16	«Carnaval», «cordão», «fantasias», «Filhos do Juquiry», «Vênus de Milo», «jazz-band», «zé-pereira canalha», «zabumbado», «travesti de midinette do Bó Ritiro», «kilometro 111», [afeminação], [aporofobia], [instrumentos musicais], {Ag: Co, Es, Pe, Re}	M. Picchia, M. Andrade, O. Andrade, L. Aranha, R. Couto, G. Almeida, A. Malfatti, E. Andrade
82. Trepalivrographia. Terra de Senna	9 4 1924: 18	«Futurista»	M. Picchia, J. Dantas, Klaxon, Juca Mulato, As máscaras

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
83. Correspondência	4 6 1924: 24	«Soneto futurista», «poesia futurista», «livro desvairado»	
84. Morra a academia!	25 6 1924: 18	«Poema futurista», «cabotinismo», «desvario literario», «opera buffa»	G. Aranha, Chanaan
85. Trepalivrographia. Terra de Senna	22 10 1924: 14	«Poeta futurista»	R. Couto, R. Carvalho, G. Aranha, Cidade do vicio e da graça, Jardins das confidencias, Estudos brasileiros
86. Chronica do sitio. Maria das Dores	29 10 1924: 11	«Futurismo paulista», «modernismo»	G. Aranha, M. Andrade
87. O 30 de fevereiro	19 11 1924: 29	«Futurista»	G. Aranha
88. Trepalivrographia. Terra de Senna	3 12 1924: 17	«Futurista», «anarquia mental», «associação terrorista»	M. Picchia, D'Annunzio, O crime daquela noite, As mascaras, A mulher que pecou, O homem e a morte, Klaxon
89. Bellas artes. Terra de Senna	3 12 1924: 15	«Semana de arte futurista»	G. Aranha, Di Cavalcanti
90. Paulo Silveira. J.S.	17 12 1924: 16	«Poeta futurista», «Juliano Moreira»	
91. Correspondência. Maria das Dores	14 1 1925: 14	«Futurismo», «Klaxolandia»	G. Aranha, Marinetti, Klaxon
92. Futurismo e «cassange»	25 2 1925: 13	«Futurismo», «poeta maluco»	M. Andrade, G. Aranha
93. Correspondência: Cintho	4 3 1925: 22	«Futuristico»	M. Andrade
94. Radio injecção. Maria das Dores	1 4 1925: 16	«Santa Casa», «Praia Vermelha»	G. Aranha, H. Villa-Lobos, O espirito moderno
95. Trepalivrographia. Terra de Senna	22 4 1925: 20	«Futurismo», «movimento futurista»	G. Aranha
96. Trepalivrographia. Terra de Senna	6 5 1925: 8	«Versos futuristas», «hospício», Praia Vermelha», «loucos»	O. Barbosa
97. Cartas de Marte	6 5 1925: 21	«Futurista», «anormal», [absurdo], [inversão das jerarquias]	
98. Bella artes. Terra de Senna	10 6 1925: 17	«Futurismo», «maluquice», «cubismo»	Marinetti
99. Coisas da paulicéa. Belmonte	15 7 1925: 20	[Futuristas], [afeminação], [Oscar Wilde]	M. Picchia, C. Ricardo, F. Pati, G. Almeida, Paulicea desvairada («Nocturno»)
100. Viva o Modernismo! Telles de Meirelles	22 7 1925: 22	«Futurismo», «modernismo»	G. Aranha
101. Coisas da paulicea. Belmonte	12 8 1925: 20	«Futurista», «futurisações encephalicas»	M. Andrade, G. Almeida
102. A futura geração. S[torni]	19 8 1925: 11	«Futurista», [falta de caráter]	
103. Trepalivrographia. Terra de Senna	9 9 1925: 30	«Amalucado»	M. Andrade, M. Fontes, Verão, Paulicea desvairada

Título, autor	Data, página	Expressão preconceituosa	Referências artísticas
104. Pierre Dorat	16 9 1925: 14	«Futurismo»	
105. A arte de Villa Lobos. Terra de Senna	30 9 1925: 15	«Futurista»	M. Andrade, M. Picchia, Paulicea desvairada
106. Futurismo e passadismo. Yps Lone	20 1 1926: 9	«Futurismo», «modernistas», «príncipe Obá II de África»	G. Almeida, O. Andrade
107. Carta aberta ao Sr. Mario de Andrade. Terra de Senna	20 1 1926: 12	«Futurismo paulista», «sovietismo litteratura», «contra o bom senso»	M. Andrade, G. Aranha, O. Andrade, S. Hollanda, G. Almeida, Semana de arte moderna
108. Caricatura futurista. Bobosky	20 1 1926: 12	«Futurista», [racismo]	
109. Arte moderna. Raul Pederneiras	27 1 1926: 12	«Arte moderna», [antifeminismo], [misoginia]	
110. Grandeza, decadência e suicídio de Nero	27 1 1926: 22	«Futurista», [sem sentido]	G. Aranha
111. Marinetti vem ahi	3 3 1926: 9	«Futurismo», «maluqueira»	Marinetti
112. Coisas da paulicéa. Belmonte	24 3 1926: 7	[Picchia futurista]	M. Picchia, C. Ricardo
113. Velhice e mocidade	31 3 1926: 4	«Futuristas»	O. Andrade, M. Andrade, R. Carvalho, Toda América
114. Trepalivrographia. Terra de Senna, Belisário	31 3 1926: 12	[Sem razão]	R. Carvalho, M. Andrade, Toda América, Epigramas irônicos e sentimentais

REFERÊNCIAS

Acquarone (1923, 16 de maio). 13 de maio futurista. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 1.

Almeida, G. de (1921, 23 de fevereiro). Poesia «almofadinha». *Folha da Noite*. São Paulo, p. 1.

Almeida, J.R.P. de (1906). *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro*. Laemmert.

Almeida, S.C. & Silva, R. S. (2013). Do (in)visível ao risível: o negro e a «raça nacional» na criação caricatural da Primeira República. In Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 26, n. 52, p. 316-345, julho-dezembro. https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/9342/15717.

Almeida, V.F. de (2020). Leopoldo de Freitas e as representações do negro na revista *O Pirralho*. *Revista da ABPN*, v. 12, n. ed. especial – caderno temático: «Africanos, escravizados, libertos, biografias, imagens e experiências atlânticas», agosto, p. 637-665. https://abpnrevista.org.br/site/article/view/935.

Andrade, O. de (1939, 2 de dezembro). As pinturas do coronel. *black*. Rio de Janeiro, p. 6.

Belmonte (1920, 8 de setembro). Guilherme de Almeida. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 14.

______ (1921, 20 de abril). A origem do homem. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 27.

______ (1922a, 1 de março). D. Quixote em S. Paulo, *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 17.

______ (1922b, 8 de março). D. Quixote em S. Paulo, *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 21.

______ (1922c, 27 de dezembro). [Guilherme de Almeida]. *D. Quixote*. Futurismo, penumbrismo & C. Rio de Janeiro, p. 15.

______ (1923a, 22 de março). [Futurismo]. In Ricardo, Cassiano. São Paulo e seus homens de letras. *Folha da Noite*. São Paulo, p. 1.

______ (1923b, 27 de março). [Mário de Andrade]. In Carmo, Manuel do. O futurismo: São Paulo e seus homens de letras. *Folha da Noite*. São Paulo, p. 1.

______ (1923c, 4 de abril). D. Quixote em S. Paulo, *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 17.

______ (1923d, 15 de abril). IV – Poeta futurista. *A Cigarra*. São Paulo, p. 22.

______ (1923e, 15 de agosto). [Mário de Andrade]. In Chagas, Moacyr. Perfis futuristas: I. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 13.

______ (1924, 19 de março). [Mário de Andrade]. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 16.

Benedicto, M.M.S. (2018). *Quaquaraquaquá quem riu? Os negros que não foram... A representação humorística sobre os negros e a questão do branqueamento da belle époque aos anos 1920 no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-30072019-150411.

Borba Rato (1923a, 16 de maio). Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 23.

______ (1923b, 6 de junho). Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 18.

______ (1924a, 23 de janeiro). Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 24.

______ (1924b, 19 de março). Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 16.

Borracho, J. (1919, 22 de janeiro). Soneto futurista. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 11.

Butler, J. (1997). *Lenguaje, poder e identidad* (Trad. Javier Sáez, Beatriz Preciado). Madrid: Síntesis.

Cabañas, K.M. (2018). *Learning from madness: Brazilian modernism and global contemporary art. Chicago*: The University of Chicago Press.

Campbell, F.K. (2009). *Contours of ableism: the production of disability and abledness*. Macmillan.

Chagas, M. (1923a, 15 de agosto). Perfis futuristas. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 13.

______ (1923b, 5 de setembro). Perfis futuristas. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 12.

Cunha, M.C.P. (1988). *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo* (2ed). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1986).

______ (1990). *Cidadelas da ordem: a doença mental na república*. Brasiliense.

Diniz, A. (2010). *Almanaque do samba* (4ed). Zahar.

D. Quixote (1919, 23 de julho). O poste de parada. Rio de Janeiro, p. 16.

______ (1920, 18 de agosto). Almofadismo. Rio de Janeiro, p. 28.

______ (1922a, 11 de outubro). Futurismo, penumbrismo & C, p. 14.

______ (1922b, 29 de novembro). Futurismo, penumbrismo & C, p. 12.

Domingues, H.M.B., & SÁ, M.R. (2003). Controvérsias evolucionistas no Brasil do século xix. In Domingues, H.M.B., & Sá, M.R., & GLICK, T. *A recepção do darwinismo no Brasil* (p. 97-123). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

https://static.scielo.org/scielobooks/txcs6/pdf/domingues-9788575414965.pdf.

Giller, M. (2018). Breve panorama histórico del *jazz* en Brasil. *Revista Musical Chilena*. Año LXXII, N. 229, enero-junio, p. 33-56. https://revistamusicalchilena.uchile.cl/index.php/RMCH/article/view/50764.

Glick, T. (2003). O positivismo brasileiro na sombra do darwinismo: o grupo Ideia Nova em Desterro. In Domingues, H. M. B., & Sá, M. R., & Glick, T. *A recepção do darwinismo no Brasil* (p. 181-189). Editora Fiocruz. https://static.scielo.org/scielobooks/txcs6/pdf/domingues-9788575414965.pdf.

Gorber, M. (2018). *Um olhar sobre as caricaturas de Belmonte* (1923-1927). Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. http://hdl.handle.net/10438/20717.

______ (2022). Entre a negrofilia e a negrofobia: caricaturas dos anos 1920 em perspectiva transnacional. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, VOL 42, Nº. 89: 61-92. https://www.scielo.br/j/rbh/a/3q4kJSsFj9bhb3j6Nh4LSBD/abstract/?lang=pt.

Gould, S.J. (2017). *La falsa medida del hombre* (Trad. Ricardo Pochtar, Antonio Desmonts). Barcelona: Planeta. (Trabalho original publicado em 1986).

Hunt, L. (2009). *La invención de los derechos humanos* (Trad. Jordi Beltrán Ferrer). Tusquets.

Lima, E. de (1935). *A inversão dos sexos*. Guanabara.

Maia, S.R. (2021). *Bastos Tigre e o humorismo parnasiano*. Tese de doutorado, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229188

Marconi, C. (2015). *The Oxford Handbook of Greek and Roman Art and Architecture*. Oxford: Oxford University Press.

Monteiro, S., & Kaz, L. (1998). *A Imagem de Mário: Fotobiografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/Livroarte Editora.

Mutt, Jeff & Cia (1921, 8 de junho). Don Paulo em São Quixote. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 20.

Needell, J.D. (1993). *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* (Trad. Celso Nogueira). São Paulo: Companhia das Letras.

______ (2020). *The sacred cause: the abolitionist movement, afro-brazilian mobilization, and imperial politics in Rio de Janeiro*. Stanford: Standford University Press.

Nemo & CIA (1920a,10 de novembro). D. Quixote em São Paulo, *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 13.

______ (1920b, 8 de dezembro). Don Paulo em São Quixote. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 27.

O Combate (1923, 17 de março). Os envenenadores deixaram cahir a mascara de uma vez. São Paulo, p. 1.

O Imparcial (1915, 5 de junho). Homenagem à belleza feminina. Rio de Janeiro, p. 4.

O Rio Nú (1911, 25 de março). Nas zonas. Rio de Janeiro, p. 7.

Pacheco, G.S., & Gonçalves, L.P. (2022). Fascismo e modernismo: a atuação de Plínio Salgado na década de 1920. *Cadernos de Pesquisa do CHIS*. N.º 35(1). 57-81. https://doi.org/10.14393/cdhis.v35n1.2022.65633.

Pederneiras, R. (1917). A mascara do riso: ensaio de anatomo-physiologia artística (2ed). Jornal do Brasil.

Petrescu, C. (2022). Jazz e modernismo na obra de António Ferro. *Cadernos de Literatura Comparada*. Nº 46, 06/2022: 139-154. https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp46a7.

Picchia, M. del (1922, 16 de fevereiro). Semana de arte moderna. *Jornal do Comércio*. São Paulo, s.n.p. São Paulo: Instituto Hercule Florence.

Priore, M. del (2006). *História do amor no Brasil*. Contexto. (Trabalho original publicado em 2005)

Ribeiro, L. (1938). *Homosexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Ricardo, C. (1923, 22 de março). São Paulo e seus homens de letras. *Folha da Noite*. São Paulo, p. 1.

Rice, S. (2007). *Encyclopedia of evolution*. Facts on file.

Sá, R.M. (2020). Anita Malfatti: as cores e formas do modernismo brasileiro. *Ícone: Revista Brasileira de História da Arte*. VOL. 5, N.º 6, p. 24-41. https://seer.ufrgs.br/index.php/icone/article/view/101110.

Saliba, E.T. (2002). *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio*. Companhia das Letras.

Sant'Anna, N. (1921, 30 de abril). O formidável Brecheret. A *Gazeta*, p. 1.

Schwarcz, L.M. (2021). O negrismo e as vanguardas nos modernismos brasileiros: presença e ausência. In Andrade, Gênese, *Modernismos* 1922-2022 (pp. 292-317). São Paulo: Companhia das Letras.

Senna, T. de (1920a, 21 de julho). Bellas-artes. *D. Quixote*. p. 26.

______ (1920b, 24 de novembro). Bellas-artes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 17.

Severo, R. (1920, 2 de junho). O sr. Enrico Castello. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, p. 18.

Sodré, N.W. (1999). *História da imprensa no Brasil* (4ed). Rio de Janeiro: Mauad.

Teles, M.A. (1999). *Breve história do feminismo no Brasil*. Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1993).

Tigre, M.B. (1917). *Pseudônimos D. Quixote*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Tin, L-G. (2012). *Diccionario Akal de la homofobia*. Adicionar local: Akal.

Toni, F.C., & Fresca, C. (2022). Natureza e modernismo: Mário de Andrade e Villa-Lobos antes da Semana. *Estudos Avançados 36*(104), p. 143-184. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36104.008.

Velloso, M.P. (2015). *Modernisno no Rio de Janeiro*: turunas e quixotes. Rio de Janeiro: KBR.

Vergara, J. (2018). *Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade*. 2018. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, http://bit.ly/2WwHbIh.

______ (2021). Los «mozos bonitos»: La expresión que fue referencia para las prácticas de género en Brasil. *Con X: Revista Científica sobre Estudios de Género*. N. 7, e040. La Plata, Buenos Aires, Argentina: Universidad Nacional de La Plata. ISSNe 2469-0333. https://doi.org/10.24215/24690333e040.

______ (2024a). Prejuicio en la campaña antimodernista del periódico *A Gazeta* de São Paulo (1921-1922). *Revista Humanidades*, 14(1), e54657. https://doi.org/10.15517/h.v14i1.54657.

______ (2024b). Os mesmos insultos extraliterários se repetem incansavelmente. In Barros, Regina Teixeira de (org.), *Mário de Andrade: duas vidas / Mário de Andrade: Two Lives* (pp. 94-119). MASP.

Wyhe, J. van, & Kjaergaard, P.C. (2015). Going the whole orang: Darwin, Wallace and the natural history of orangutans. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, N.º 51, p. 53-63.